

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Programa de pós-graduação em Neurociências e suas fronteiras

**ANTÓNIO DAMÁSIO E A NEUROBIOLOGIA DAS EMOÇÕES NA  
PSICOPATIA – ENSAIO ACADÊMICO**

Isabella de Sousa Lage

Belo Horizonte  
2019

Isabella de Sousa Lage

**ANTÓNIO DAMÁSIO E A NEUROBIOLOGIA DAS EMOÇÕES NA  
PSICOPATIA – ENSAIO ACADÊMICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
especialização em “Neurociências e suas Fronteiras” –  
UFMG, como requisito à obtenção de título.

Orientador: João Vinícius Salgado

Belo Horizonte  
2019

043 Lage, Isabella de Sousa.  
António Damásio e a neurobiologia das emoções na psicopatia – ensaio acadêmico [manuscrito] / Isabella de Sousa Lage. – 2019.

70 f. : il. ; 29,5 cm.

Orientador: Prof. João Vinícius Salgado.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à especialização em “Neurociências e suas Fronteiras” – UFMG, como requisito à obtenção de título.

1. Neurociências. 2. Neurobiologia. 3. Damásio, António R. 4. Psicopatologia. I. Salgado, João Vinícius. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Ciências Biológicas. III. Título.

CDU: 612.8

Há emoções, um espectro inteiro delas, que eu conheço só de ouvir falar, das minhas leituras e imaginação imatura. Eu posso *imaginar* que estou sentido essas emoções e sei, portanto, o que elas são, mas eu não sinto. Aos 37 anos de idade, sou somente uma criança precoce. Minhas paixões são as mesmas de um garoto.

Jack Abbott

## RESUMO

LAGE, Isabella de Sousa. **António Damásio e a Neurobiologia das Emoções na Psicopatia – Ensaio Acadêmico**. 2019. 69f. Monografia (Programa de Pós-graduação em Neurociências e suas Fronteiras), Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais.

O presente trabalho busca abordar a psicopatia sob a perspectiva da neurobiologia das emoções de António Damásio. Trata-se de um ensaio acadêmico e espera-se demonstrar como a pesquisa no campo neurobiológico emocional pode contribuir de alguma maneira para a compreensão e discussão acerca da psicopatia.

A princípio, busca-se traçar a evolução do conceito de psicopatia, desde o seu surgimento no contexto psiquiátrico até a atualidade, acordando com o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM-5.

Para isso, efetuamos um levantamento bibliográfico na intenção de localizar as principais referências relacionadas à psicopatia.

Em continuidade, será investigada a neuroanatomia funcional de um cérebro psicopata, bem como comportamentos, socialização e linguagem relacionados à neuroanatomia, a fim de introduzir as constatações de Damásio a respeito da neurobiologia das emoções e então buscar estabelecer conexões e interfaces entre suas pesquisas e os atuais conceitos de psicopatia. Em outras palavras, pretende-se verificar e se existe uma interação entre as pesquisas de Damásio e o conceito de psicopatia. Incluímos dois casos específicos: Phineas Gage e Weinstein no intuito de evidenciar a importância de pesquisas no lobo frontal em psicopatas.

Para Damásio (2011, p. 140), é importante a distinção entre emoção e sentimento, visto que são processos distinguíveis. Neste sentido, tornam-se necessários estudos a respeito de emoções e sentimentos na psicopatia para maior compreensão de atos e comportamentos classificados pelo DSM-5 e por Robert D. Hare, criador da PCL-R, manual utilizado para diagnosticar o transtorno.

Para Raine (2015), emoções em psicopatas são respostas primitivas a necessidades imediatas. Através dos estudos de Raine (2015) e Hare (2013), dentre outros autores citados neste ensaio, podemos concluir que o mistério da psicopatia ainda permanece. Vários transtornos são

encontrados em psicopatas, como o TOC, por exemplo, dificultando ainda mais a origem dos sintomas e dificultando o diagnóstico (HARE, 2013).

Poucas pesquisas sistemáticas têm sido desenvolvidas a respeito da psicopatia. Estudos sobre a neurobiologia das emoções são realizados a parte e generalizados a todo ser vivo, não especificando o transtorno antissocial da psicopatia.

Concluimos que são necessárias pesquisas e estudos envolvendo emoções e sentimentos correlacionados à psicopatia a fim de compreender melhor o transtorno e traçar possibilidades de socialização.

**Palavras-chave:** António Damásio, Neurobiologia das Emoções, Psicopatia.

## ABSTRACT

LAGE, Isabella de Sousa. **António Damásio and the Neurobiology of Emotions in Psychopathy — Revision of Literature**. 2019. 69 p. Monograph (Postgraduate Program in Neuroscience and its Borders), Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais.

The present work is an approach to psychopathy based on António Damásio's neurobiology of emotions perspective. It is an academic essay and it is expected to demonstrate how the research in the emotional neurobiological field may in some way contribute to the understanding and discussion about psychopathy.

At first, it is intended to show the evolution of the concept of psychopathy since its appearance in the psychiatric context until nowadays according to the handbook Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders — DSM-5.

Accordingly, bibliographic info was collected in order to find out the main references related to psychopathy.

In the following section the functional neuroanatomy of the brain of a psychopath is investigated, as well as behavior, socialization and language related to neuroanatomy, in order to introduce Damásio's findings concerning neurobiology of emotions and then try to show connections and interfaces between Damásio's researches and the present concepts of psychopathy. In other words, it is intended to verify if there is interaction between Damásio's researches and the concept of psychopathy. Two specific cases were included in this section: Phineas Gage and Weinstein with the aim of highlighting the importance of researches on the frontal lobe of psychopaths. According to Damásio (2011, p. 140), it is important to make a distinction between emotion and feeling for they are distinctive processes. In this sense, more studies about emotions and feelings in psychopathy are necessary to deeply understand actions and behaviors classified by DSM-5 and by Robert D. Hare, who developed the PCL-R, the handbook used to diagnose this disorder.

Raine (2015) says, emotions in psychopaths are primitive responses to immediate needs. Through studies made by Raine (2015) and Hare (2013), among other authors quoted in this essay, we can conclude that the mystery in psychopathy still remains. Several disorders are

found in psychopaths, like OCD for instance, making it harder to find the origins of the symptoms and diagnosis (HARE,2013).

Few systematic researches have been developed about psychopathy. Studies about neurobiology of emotions are done separately and generalized to every living being, not specifying the antisocial disorder of psychopathy.

We conclude that are necessary several researches and studies involving emotions and feelings correlated to psychopathy in order to understand better the disorder itself and trace possibilities of socialization.

Keywords: António Damásio, Neurobiology of Emotions, Psychopathy.



## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1</b> - Visão panorâmica de tomografia por emissão de pósitrons (PET) mostrando funcionamento reduzido da área pré-frontal (topo da imagem) em assassinos em comparação com controles. As cores vermelho e amarelo indicam áreas de alto funcionamento cerebral (RAINE, 2015). ..... | 28 |
| <b>Figura 2:</b> Barra de ferro de 2,5 cm de diâmetro e mais de um metro de comprimento projetada contra o crânio de Gage em alta velocidade (SABBATINI, 1997). .....  | 39 |
| <b>Figura 3:</b> B – área de Broca; M – área motora; W – área de Wernicke (DAMÁSIO, 2012)..  | 40 |
| <b>Figura 4:</b> Vista medial do encéfalo.....   | 43 |
| <b>Figura 5:</b> Vista medial do encéfalo evidenciando regiões de localização das estruturas límbicas .....  | 45 |
| <b>Figura 6:</b> Versão minimalista das regiões capazes de desencadear e executar emoções .....  | 48 |
| <b>Figura 7:</b> Diagrama das fases principais do desencadeamento e execução de emoções, usando o medo como exemplo (DAMÁSIO, 2000). .....   | 49 |
| <b>Figura 8:</b> Processo da emoção até chegar aos sentimentos, tendo o medo como exemplo principal (DAMÁSIO, 2000).....   | 51 |

# SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 11 |
| 1 PSICOPATIA .....  | 14 |
| 1.1 Breve Histórico: Conceitos e Características .....        | 14 |
| 1.2 Terminologia .....  | 17 |
| 1.3 Perfil do Psicopata .....                                 | 19 |
| 1.3.1 <i>Eloquente e Superficial</i> .....                    | 19 |
| 1.3.2 <i>Egocêntrico e Grandioso</i> .....                    | 20 |
| 1.3.3 <i>Ausência de Culpa ou Remorso</i> .....               | 21 |
| 1.3.4 <i>Falta de Empatia</i> .....                           | 22 |
| 1.3.5 <i>Enganador e Manipulador</i> .....                    | 23 |
| 1.3.6 <i>Emoções Rasas</i> .....                              | 24 |
| 1.4 O Quadro Completo .....                                   | 25 |
| 2 NEUROANATOMIA COMPORTAMENTAL NA PSICOPATIA .....            | 27 |
| 2.1 A Neuroanatomia Funcional de uma Mente Psicopata .....    | 27 |
| 2.2 Cérebro e Linguagem .....                                 | 30 |
| 2.3 Gesto e Linguagem .....                                   | 33 |
| 3 ANTÓNIO DAMÁSIO E A NEUROBIOLOGIA DAS EMOÇÕES .....         | 36 |
| 3.1 Breve Biografia .....                                     | 36 |
| 3.2 O Estranho caso de William James .....                    | 37 |
| 3.3 O Caso Phineas P. Gage .....                              | 38 |
| 3.4 O Caso Weinstein .....                                    | 41 |
| 3.5 Estruturas Límbicas e o Comportamento Emocional .....     | 43 |
| 3.5.1 <i>Bases Neurobiológicas das Emoções</i> .....          | 44 |
| 3.6 A Neurobiologia das Emoções Segundo António Damásio ..... | 46 |
| 3.6.1 <i>Emoções</i> .....                                    | 46 |
| 3.6.2 <i>Sentimentos</i> .....                                | 50 |

|     |  |    |
|-----|--|----|
| 4   | ANTÓNIO DAMÁSIO E A NEUROBIOLOGIA DAS EMOÇÕES NA PSICOPATIA..... | 52 |
| 4.1 | Emoções Sociais, Reflexão sobre Sentimentos e Empatia.....       | 52 |
| 4.2 | A Socialização na Psicopatía.....                                | 54 |
| 4.3 | Processos Terapêuticos na Psicopatía.....                        | 58 |
| 5   | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 60 |
|     | REFERÊNCIAS.....   | 64 |

## INTRODUÇÃO

No senso comum, há quem associe o conceito de psicopatia a comportamentos lunáticos ou atos bizarros e grosseiros diante de atitudes criminosas e inaceitáveis conforme padrões sociais. Robert D. Hare (2013), especialista em psicologia criminal e psicopatia, criador da *Psychopathy Checklist Revised (PCL-R)*, utilizada para avaliar tendências comportamentais antissociais, pede ao público que leia o jornal pensando nisso, e a extensão do problema saltará aos olhos. Os mais dramáticos são aqueles que matam a sangue frio, sem drama de consciência e que, ao mesmo tempo, provocam repugnância e fascínio ao público. Serão estes psicopatas?

Assim, meio a tantas atrocidades e atos inescrupulosos, surgem algumas indagações: Quem são os psicopatas? Os psicopatas possuem emoção e sentimento? Todos os atos considerados grotescos e fora dos padrões sociais podem ser associados ao termo Psicopata?

A psicopatia sempre esteve associada a contravenções e também a crimes (SHINE, 2010). Por esse motivo, a sua marginalidade confunde-se com a sua condição clínica, norteador a ideia de psicopatia com base em teorias, hipóteses, pesquisas, perguntas e constatações que se modificam ao longo do tempo (HARE, 2013).

Paralelamente, a psiquiatria procura definir um quadro nosológico das afecções mentais, visto que ainda existem muitas perguntas a serem exploradas (HARE, 2013).

Sabe-se que o psicopata carrega consigo um transtorno em sua personalidade, o qual é definido por um conjunto específico de comportamentos e traços inseridos que satisfaçam critérios cientificamente exigidos, tais como comportamento criminoso, desprezo pelas normas sociais, inclinação para mentira e enganação e, principalmente, incapacidade de correção, de aprender com os erros, além da ausência de culpa ou remorso, o que, por sua vez, desperta questionamentos a respeito da existência de emoção e sentimento em psicopatas, mesmo que mínimos (SHINE, 2013).

Literalmente, psicopatia significa “Doença Mental” (de *psique*, mente, e *pathos*, doença), e esse é o significado do termo ainda encontrado em alguns dicionários. O conflito de significados é ainda maior quando a mídia usa o termo como equivalente a “insano” ou “louco”: “A polícia disse que há um psicopata à solta” (Hare, 2013, p. 38)

Vale ressaltar que a maioria dos pesquisadores não enxergam a psicopatia em seu significado literal (SHINE, 2010). Os psicopatas não são considerados doentes mentais, não

apresentam alucinações, nem perderam o contato com a realidade. Ao contrário dos psicóticos, o comportamento do psicopata é resultado de uma escolha própria, livre e pessoal.

Eslinger & Damásio (1985) afirmam que mudanças persistentes de personalidade em adultos ou crianças previamente normais podem resultar de lesões cerebrais de causas diversas, configurando a *Síndrome da Sociopatia Adquirida*, e, por esta razão, há ainda muito o que ser estudado e explorado no campo científico a respeito da psicopatia.

É fato que a mídia, livros, estudos científicos e linhas comportamentais destacam não apenas os atos grotescos e seus motivos, mas também as perguntas relacionadas a emoção e sentimento. Se elas existem em psicopatas e se contribuíram para seus objetivos e ações.

Neste sentido, é importante a distinção entre emoção e sentimento, visto que são paralelos, porém distintos. Para Damásio (2011, p. 140), emoções são programas de ações complexos e em grande medida automatizados, engendrados pela evolução. O mundo das emoções é, sobretudo, feito de ações executadas no nosso corpo, desde expressões faciais e posturas até mudanças nas vísceras e no meio interno. Os sentimentos emocionais, por outro lado, são as percepções humanas compostas daquilo que ocorre no corpo e na mente quando uma emoção está em curso. No que diz respeito ao corpo, sentimentos são imagens das ações e não ações propriamente ditas. O mundo dos sentimentos é, portanto, construído de percepções ordenadas em mapas cerebrais.

Assim, a pesquisa tratará de analisar as possíveis correlações entre a psicopatia e a neurobiologia das emoções através de um levantamento bibliográfico, considerando as formas e as limitações de ambos os conceitos na atualidade.

O capítulo 1 terá como objetivo estabelecer o conceito científico a respeito da psicopatia, traçando um histórico do diagnóstico até o contexto atual, bem como o perfil característico, a terminologia e as bases neurológicas.

No capítulo 2 será estabelecida uma breve descrição conceitual da neuroanatomia funcional em uma mente criminosa psicopática e suas funções, utilizadas na pesquisa como base científica e facilitadora.

O capítulo 3 engloba a neurobiologia das emoções segundo António Damásio a fim de estabelecer uma melhor compreensão do conteúdo apresentado no capítulo 1, enfatizando como a emoção, o sentimento e a consciência manifestam-se no cérebro. Ainda neste capítulo, são descritos casos importantes na pesquisa sobre comportamento violento, psicopático ou ausente de emoções e também casos diretamente relacionados à psicopatia jurídica como o caso Weinsten, por exemplo, com o qual Damásio contribuiu em tribunal ao fazer uma avaliação neuropsicológica.

Em continuidade, o capítulo 4 realiza uma interface sobre as emoções e os sentimentos na psicopatia. Ainda neste capítulo, introduzimos questões sobre a ineficiência da terapia para psicopatas e os fatores e motivos para tal.

Em seguida, serão apresentadas as considerações finais sobre os questionamentos a respeito da emoção e do sentimento na psicopatia. O quadro do transtorno ainda é um mistério e tema para pesquisas. A PCL-R contribui para o diagnóstico, mas as causas para o transtorno são ainda um desafio para as diversas áreas da ciência. As perguntas ainda são a respeito do comportamento antissocial e os fatores que norteiam tal comportamento. Neste contexto, a pesquisa sobre emoção e sentimento na psicopatia se faz necessária, visto que as emoções e os sentimentos são programas de ações essenciais para a homeostasia do corpo e para o comportamento.

# 1 PSICOPATIA

## 1.1 Breve Histórico: Conceitos e Características

Muitos estudos têm sido elaborados com o objetivo de identificar as causas orgânicas da psicopatia. O processo de diagnóstico de um possível psicopata se dá através de quadros e características já designados pelo DSM-5 e pela PCL-R de Hare, mas a causa biológica e genética da origem deste transtorno ainda não foi esclarecida (HARE, 2013).

A partir de um breve histórico encontramos modificações no conceito de psicopatia pelos principais médicos e pesquisadores da área que estabeleceram uma discussão efetiva a respeito do tema.

Cesare Lombroso, ex-médico do exército italiano, observou durante uma necropsia na cidade de Pésaro, comuna italiana na região de Marcas, o crânio do bandido calabrés Giuseppe Villella, mudando o curso de constatações criminológicas até os dias atuais. Em sua teoria, dois pontos eram importantes: havia no cérebro uma base biológica que originava o crime, e, portanto, os criminosos seriam um retrocesso evolutivo para as espécies mais primitivas (RAINE, 2015).

Adrian Raine (2015) esclarece em suas pesquisas que Lombroso detectou uma endentação incomum na base do crânio, a qual interpretou como se refletisse um cerebelo menor, situado sob dois hemisférios maiores do cérebro. Nas palavras de Lombroso:

Parece que vi, de um só relance, tão claro como uma vasta planície sob um céu ardente, o problema da natureza do criminoso, que reproduz nos tempos civilizados características não apenas de selvagens primitivos, mas de tipos ainda mais sombrios, tão antigos quanto os carnívoros (RAINE, 2015, p. 09).

Philippe Pinel, psiquiatra francês do começo do século XVIII, foi um dos primeiros médicos a escrever sobre psicopatia usando o termo *mania sem delírio*, descrevendo um padrão direto marcado pela falta de empatia. Robert D. Hare (2013) afirma que assim teve início uma discussão que se estendeu por gerações e que oscilou entre a visão de que psicopatas são “loucos” ou “maus” ou até “diabólicos”.

Kurt Schneider, médico psiquiatra, escreveu sobre o termo *personalidade psicopática*, caracterizando-o como distúrbio da personalidade, visto que não afeta a inteligência nem a estrutura orgânica do indivíduo (SHINE, 2010).

Vale observar que ambos os autores descrevem a respeito do tema, conscientes de que o psicopata não possui tendências psicóticas ou delirantes, atuando com o uso da razão e com clareza das suas ações.

Em 1941, o psiquiatra americano Harvey Milton Cleckley impactou a pesquisa sobre psicopatia em seu livro *The Mask of Sanity*, apresentando uma definição mais completa a respeito do tema. O seu estudo influenciou a modificação do diagnóstico no DSM-2, propondo a definição de personalidade antissocial.

Dada a importância do material produzido a respeito da psicopatia, Cleckley enumera as características do psicopata, proporcionando uma definição mais completa. Em seus estudos, Shine (2010) as cita conforme Cleckley elaborou:

1. O Psicopata está livre de sinais ou sintomas geralmente associados a psicoses, neuroses, ou deficiência mental. Ele conhece as consequências de seu comportamento antissocial, mas ele dá a impressão de que tem pouco reconhecimento real de sentimentos os quais verbaliza tão racionalmente.
  2. Ele é incapaz de se adaptar em suas relações sociais de forma satisfatória de uma maneira geral.
  3. O psicopata não é detido em suas ações pela punição; aliás, ele parece desejá-la.
  4. Sua conduta carece normalmente de uma motivação, ou se uma motivação pode ser inferida, ela é inadequada enquanto explicação para tal comportamento.
  5. Ele sabe se expressar em termo de respostas afetivas esperadas, mas demonstra uma total falta de consideração e uma indiferença em relação aos outros.
  6. Ele demonstra uma pobre capacidade de julgamento que pode ser vista nas “mentiras patológicas”, crime repetitivo, delinquências e outros atos antissociais.
- (SHINE, 2010, p. 21)



Em 1980, o DSM-3 optou em manter o termo *personalidade antissocial* acrescentando *transtorno* ao início (SHINE, 2010). Tal procedimento aconteceu devido a uma nova orientação criminal comportamental, isto é, em vez de traços de personalidade, o diagnóstico seria aplicado em caso de persistente violação das normas sociais como mentira, roubo, detenções policiais, entre outros.

Turner e Hersen (1984) apresentam um fator importante para o histórico de psicopatia, bem como para sua caracterização e diagnóstico: “ausência de remorso”. Para os autores, esta seria uma característica distintiva e não constante até o momento na lista classificatória, o que, segundo eles, aumentaria a confiabilidade do diagnóstico.

Robert Hare, ao trabalhar com detentos de uma prisão de segurança máxima próximo a Vancouver, e, após questionar a provável ineficácia da punição carcerária a indivíduos por ele considerados psicopatas, desenvolve, a partir dos estudos de Cleckley, a PCL, mais tarde atribuída por PCL-R Hare’s – *Psychopathy Checklist Revised* (HARE, 2013).

Segundo a PCL-R, são sintomas-chave da psicopatia o desvio social e uma característica “rasa” em suas relações interpessoais e emocionais, envolvendo sua superficialidade, egocentrismo e ausência de culpa ou remorso. É importante ressaltar que o objetivo principal desta avaliação é a discussão dessas características e seu diagnóstico sem o risco de descrever apenas desvios criminosos comuns ou estabelecer rótulos para violação simples da lei. Tal instrumento é hoje conceito em classificação e diagnóstico da psicopatia, com aceitação internacional (HARE, 2013).

Em sua atualização mais recente, o DSM-5 (2014, p. 645) define o *Transtorno de Personalidade Antissocial* como um padrão de desrespeito e violação dos direitos dos outros. O DSM-5 estabelece 4 critérios diagnósticos para o Transtorno:

A: Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade, conforme indicado por três (ou mais) dos seguintes:

1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção.
2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.
3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.

5. Descaso pela segurança de si ou de outros.
  6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras.
  7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.
- B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.
- C. Há evidências de transtorno da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade.
- D. A ocorrência de comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar (DSM-5, 2014, p. 659).

De acordo com o manual, o termo refere-se também a *Psicopatia*, *Sociopatia* ou *Transtorno*, visto que falsidade e manipulação são aspectos centrais do Transtorno de Personalidade Antissocial e também se encaixa aos outros termos já descritos. Neste sentido, a psicopatia possui uma terminologia incerta, conceituada e definida de forma diferente do manual por alguns autores e profissionais da área científica.

## 1.2 Terminologia

É comum encontrar em pesquisas, revistas e jornais ou em entrevistas e programas de televisão as várias terminologias utilizadas para categorizar comportamentos e ações criminosas relacionados à psicopatia (HARE, 1996).

Pesquisadores, médicos e escritores utilizam sem distinção os termos psicopatia e sociopatia. Thomas Harris, em seu livro “*O Silêncio dos Inocentes*”, descreve o personagem Hannibal Lecter como um “sociopata puro”, enquanto o roteirista da versão cinematográfica chamou-o de “verdadeiro psicopata” (HARRIS, 2007, p. 16).

O termo sociopatia é utilizado na maioria das situações por se distanciar com facilidade do significado de psicose ou insanidade. O termo psicótico é frequentemente confundido com

psicopata, e não apenas por leigos mas também por profissionais das áreas de saúde, pesquisa e reportagem (Hare, 2013).

No livro *The Blooding*, no qual Joseph Wambaugh escreve sobre Colin Pitchfork, um estuprador e assassino inglês, afirmando ter sido uma pena a psiquiatra não descrevê-lo, em seu relatório, como um sociopata em vez de psicopata devido à confusão que este último termo acompanha. Todas as pessoas envolvidas no caso pareciam confundir a palavra psicopata com psicótico.

Neste sentido, um mesmo indivíduo pode ser diagnosticado como psicopata por um especialista e como sociopata por outro, sejam os especialistas da mesma área ou não. Na maioria dos casos, o termo reflete as visões ou posições de quem as avalia. Assim, aqueles que acreditam que o transtorno se motiva por questões sociais ou experiências de vida usam o termo sociopatia, enquanto aqueles que consideram que fatores psicológicos, biológicos, genéticos e comportamentais também contribuem para os diagnósticos geralmente utilizam o termo psicopatia.

Hare (2013, p. 40) transcreve em um de seus trabalhos a conversa entre um transgressor (T) e um de seus alunos de pós-graduação (A):

A: “Você teve algum retorno da psiquiatra prisional que fez sua avaliação?”

T: “Ela me disse que eu era um... não foi sociopata... um psicopata. Foi cômico. Ela disse para eu não me preocupar com isso porque pode existir um médico ou um advogado que também seja psicopata. Então eu disse, ‘É isso aí, entendi. Quer dizer... você está em um avião sequestrado, e o que vai preferir? Estar sentada perto de mim, de um sociopata ou de um neurótico que suja as calças e mata todo mundo?’. Parecia que ela ia cair da cadeira. Se vão me dar um diagnóstico, então eu prefiro ser um psicopata do que um sociopata”.

A: “Não é a mesma coisa?”

T: “Não, claro que não. Veja bem, o sociopata faz coisas erradas porque foi criado de modo errado. Então quer comprar uma briga com a sociedade. Eu não quero comprar briga com ninguém. Não alimento hostilidade. Eu sou assim e pronto. Acho que devo ser um psicopata”.

A terminologia utilizada pelo DSM-5, em sua última atualização, é Transtorno da Personalidade Antissocial, que teria o mesmo significado para psicopatia e sociopatia, distanciando-se de psicose ou insanidade.

## **1.3 Perfil do Psicopata**

### **1.3.1 Eloquentes e Superficiais**

Carisma e boa articulação são as primeiras características observadas em uma conversa com um psicopata. São envolventes e capazes de atrair quem queira ao seu diálogo. Chegam a ser divertidos, inteligentes e, mesmo sem formação em uma área específica, são conhecedores do assunto sobre o qual pesquisam ou no qual têm interesse. São capazes de contar histórias improváveis, porém convincentes (HARE, 2013).

Vale ressaltar que tal fato não significa um QI acima da média, como é mostrado popularmente. Apenas “interpretam” ter bom conhecimento nas áreas de sociologia, psiquiatria, medicina, psicologia, filosofia, poesia, literatura, arte, direito, entre várias outras, despreocupados se serão descobertos.

William Bradford, um professor psicopata, em sua aparente erudição, conseguiu enganar quase todas as pessoas com que teve contato. As pessoas familiarizadas com as disciplinas em que Bradford se dizia especialista logo identificavam seu conhecimento superficial sobre os tópicos. Uma delas observou que ele introduzia duas linhas sobre qualquer assunto, mas não possuía conhecimento suficiente para ir além (HARE, 2013).

Em seu livro *Fatal Vision* (1989), Joe McGinniss descreveu sua relação com o médico psicopata Jeffrey MacDonald, condenado pela morte de sua esposa e filhas. McGinniss intrigava-se em como podia gostar do condenado, conhecendo seus defeitos e sua falta de culpa e remorso pelo crime. O autor processou MacDonald sob várias alegações, sendo uma delas, infringir sofrimento emocional intencionalmente. Considerando-o psicopata, McGinniss (1989, p. 678) depõe em tribunal como testemunha:

Eu o achava extremamente eloquente... acho que nunca tinha encontrado alguém tão eloquente, e estava impressionado com o modo como ele contava uma história. Descrevia aqueles eventos totalmente horríveis, mas conseguia dar detalhes quase gráficos dos assassinatos... de modo muito desembaraçado, eloquente, fácil... eu já entrevistei dezenas de pessoas que sobreviveram a crimes horríveis, alguns logo depois dos eventos, outros passados muitos anos, inclusive pais de crianças assassinadas, e nunca, em toda a minha experiência de vida, encontrei alguém que fosse capaz de descrever o acontecido daquele jeito quase galanteador, como fazia o doutor MacDonald.

### 1.3.2 Egocêntrico e Grandioso

Narcisismo e uma visão exagerada e vaidosa a respeito de seu próprio valor é uma das características primárias a se verificar em um psicopata. São egocêntricos e possuem uma opinião a respeito de si mesmos de que são brilhantes. Psicopatas apontam como culpa de terceiros, do sistema jurídico e até mesmo da má sorte ou acaso os erros e danos nas suas trajetórias de vida, além de perdas de processos criminais em tribunais dos quais participam (HARE, 2013).

Hare (2013) afirma que a “pompa” de alguns psicopatas com frequência apresenta-se com histórias dramáticas no tribunal. Segundo o autor, não é incomum, por exemplo, situações em que criticam e demitem seus advogados, assumindo a própria defesa. O resultado, em sua maioria, é desastroso, já que seu conhecimento na área é sempre aparente e superficial. Um dos indivíduos diagnosticado como psicopata e participante das pesquisas de Hare disse: “Meu parceiro pegou um. Eu peguei dois por causa de uma perda de um advogado”. Ele mais tarde apresentou sua própria apelação, a qual aumentou sua sentença para três anos.

Nota-se ainda que os psicopatas comportam-se com arrogância e nenhuma timidez. São seguros em suas falas, argumentos e comportamento no intuito de controlar a situação na qual se encontram. E eles gostam dessa situação. Dessa forma, problemas financeiros ou jurídicos não são constrangedores, mesmo que eles tenham pouca compreensão qualificada do momento pelo qual estão passando. São firmes quanto a sua resolução, pensam que sempre terão sucesso em resolver problemas e, não tendo o resultado esperado ou satisfatório, determinam possíveis culpados, cientes que tudo o que fazem está correto de acordo com suas perspectivas (HARE, 2013).

Para Hare (2013), os psicopatas acham que suas habilidades serão capazes de transformá-los naquilo que querem ser. Dadas as circunstâncias adequadas – oportunidades, sorte, vítimas condescendentes –, sua grandiosidade pode se concretizar de modo espetacular. Um empresário psicopata, por exemplo, pensará sempre “grande”, porém utilizando recursos de outros.

### **1.3.3 Ausência de Culpa ou Remorso**

É sabido que psicopatas não apresentam sentimento de culpa ou arrependimento pelos crimes, sendo capazes de analisar e falar a respeito dos mesmos sem qualquer reação emocional. A falta de culpa ou remorso é estabelecida porque não existe preocupação com os efeitos devastadores de suas ações sobre outras pessoas e também porque não veem motivos para que exista tal preocupação (HARE, 2013).

Essa característica do perfil psicopático é também um reflexo do seu egocentrismo e da sua grandiosidade, pois, na maioria das vezes, quando questionados sobre sentimento de culpa ou remorso, são capazes de culpar as próprias vítimas, assassinadas ou não, pelo ocorrido, isentando-se de qualquer responsabilidade. Para o psicopata é prazeroso verbalizar sobre o assunto, porém ele se contradiz efetivamente em suas palavras ou ações.

Hare (2013) revela que, na prisão, os criminosos aprendem rapidamente que *remorso* é uma palavra importante. O autor conta que, ao perguntar a um jovem preso se sentia remorso de um assassinato que cometera, ele disse: “sim, é claro, sinto remorso”, porém, pressionado a explicar melhor, disse que “não se sentia mal por dentro por causa disso”.

Assim, a falta de remorso ou de culpa do psicopata está associada com a sua habilidade em racionalizar o próprio comportamento, ignorando a responsabilidade pessoal por ações que causam desgosto e desapontamento à sociedade e a pessoas próximas que sigam as regras sociais.

Em geral, possuem desculpas próprias para o seu comportamento e, às vezes, negam completamente que o fato tenha acontecido. São ainda capazes de minimizar as consequências

de seus próprios atos e até mesmo negar ter sido ruim para a vítima, estando ela viva, ferida ou morta. Em sua concepção, sua ação é perfeitamente correta e plausível, e o resultado, o qual julgamos ruim, não foi incorreto ou negativo. Vários depoimentos de presos psicopatas com alta pontuação na PCL-R afirmam que seus crimes tiveram efeito positivo sobre as vítimas. A exemplo disso, seguem dois depoimentos (HARE 2013, p. 58):

No dia seguinte, eu pegava um jornal e lia sobre aquela parada minha: um assalto ou um estupro. Tinha entrevista com as vítimas. O nome delas aparecia no jornal. As mulheres, por exemplo, diziam umas coisas boas de mim, que eu era muito culto, ponderado, muito metuculoso. Eu não abusava delas, entende? Umas até me agradeciam.

Outro sujeito, preso por arrombamento e roubo pela vigésima vez, disse:

É claro que roubei a muamba. Mas cara! Aquele pessoal faz seguro até do fiofó – ninguém se machucou, ninguém sofreu. Qual é o problema? Na verdade, eu estou fazendo um favor a eles, estou dando a chance de pegar o dinheiro do seguro. Sempre recebem mais do que valia a mercadoria, sacou? Sempre fazem isso.

### 1.3.4 Falta de Empatia

A falta de empatia pode ser conceituada como uma incapacidade de construir um *fac-símile*<sup>1</sup> mental e emocional de outra pessoa. Em outras palavras, a capacidade de se colocar no lugar do outro (HARE, 2013)).

---

<sup>1</sup> Fac-símile – do latim *fac simile* = faz igual.

Neste sentido, psicopatas veem as pessoas como objetos que podem ser usados ou não de acordo com o seu interesse particular. Indivíduos fracos e vulneráveis são alvos interessantes, pois em seu universo não existe uma pessoa fraca, apenas pessoas “idiotas”; e pessoas idiotas podem ser exploradas.

São, portanto, indiferentes ao sentimento alheio, ao sofrimento de estranhos e familiares. Quando existe laço com família, seja filho ou esposa, são estes considerados bens que lhes pertencem e, por este motivo, existe um cuidado que não é oferecido a outras pessoas ou vítimas.

Em uma de suas avaliações, Hare (2013, p. 60) relata que uma das participantes da sua pesquisa permitia que seu namorado molestasse sexualmente sua própria filha de cinco anos de idade porque ele a deixava fisicamente esgotada. Achava ainda difícil entender por que as autoridades haviam tomado sua filha. “Ela me pertence” – dizia a mulher – “o bem estar dela é negócio meu”.

### **1.3.5 Enganador e Manipulador**

O ser humano possui capacidade de cooperação coletiva, social, de altruísmo e abnegação. Isto se dá porque a reciprocidade traz benefícios ao próprio realizador. Todos, mesmo que minimamente, esperam algo resultante da sua própria cooperação que beneficie a si mesmo. Ao fazer algo para um terceiro, é firmada uma “dívida”, isto é, ao ajudar alguém, espera-se que esta ajuda seja retribuída futuramente (HARE, 2013).

Segundo Raine (2015), vivemos em um mundo povoado por altruístas recíprocos, e, ao mesmo tempo, o altruísmo recíproco pode dar origem a “trapaça”. De acordo com o autor, se você aceitar atos altruístas dos outros, mas não tentar retribuí-los no futuro, está trapaceando. No entanto, uns trapaceiam muito, e é nesse grupo que se encontra o psicopata.

O comportamento, na medida em que se torna comum e repetitivo, expõe as características do indivíduo, compondo, em consequência, a sua personalidade. Suas ações, pensamentos e gestos estabelecem uma opinião coletiva a seu respeito, e um comportamento característico do indivíduo, mesmo que uma falsa personalidade seja previamente criada na



intenção de encobrir seu reais desafios e ações. O fato é que sua mentira, ainda que cotidiana, possui um prazo para existir, pois em algum momento ela será descoberta, seja por familiares, amigos ou no trabalho. Conseqüentemente, o trapaceiro será também descoberto em algum momento (RAINE, 2015).

Sendo a trapaça uma das características do perfil do psicopata, poderiam estes facilmente ser “descobertos” a partir da convivência diária e do seu relacionamento na sociedade em que reside. Este é, portanto, um dos motivos para a constante migração de criminosos em cidades, empregos ou ciclos sociais.

Pesquisas de trabalho apontam escritórios de empregos temporários como um dos instrumentos mais usados para as constantes readaptações necessárias. Indivíduos antissociais radicais passam de uma população para outra de modo consistente com sua busca de sensações. Entretanto, não conseguem seguir qualquer plano de vida, acabando por vagar sem rumo de uma pessoa para outra, de um trabalho para outro e de uma cidade para outra (RAINE, 2015).

A PCL-R faz referência a planos e objetivos de curto prazo, existência nômade, rompimento frequente de relacionamento, pais negligentes, mudanças de um lugar para outro, alterações constantes de emprego e endereço, bem como estilo de vida parasitário. A estratégia de trapaça é, portanto, inteiramente consistente com os psicopatas atuais que manifestam um estilo de vida nômade (MORANA, 2003).

Psicopatas parecem orgulhosos de sua capacidade em mentir e trapacear, sem constrangimento ou preocupação em caso de serem descobertos. Mentir, enganar e manipular são um certo tipo de talento natural, visto que sua imaginação é dirigida e voltada para eles próprios. Sentem prazer em enganar. Suas operações podem ser elaboradas ou simples, desde envolver-se com várias mulheres ao mesmo tempo a pequenos assaltos rápidos e objetivos. Sua condução é confiante e atrevida (RAINE, 2015).

### **1.3.6 Emoções Rasas**

São comuns os vários questionamentos a respeito de sentimentos e relações sociais de criminosos, independentemente do histórico ou da motivação para cometer um crime ou

assassinato. A surpresa, o horror e as dúvidas são constantes quando recebemos uma notícia de algo chocante ou bizarro na mídia de modo geral (HARE, 2013). Isso acontece porque estabelecemos uma ideia comparativa sobre nós mesmos, isto é, “se eu não sou capaz de cometer tal crime, como ele o pode fazer?” ou “será que ele não tem sentimento?”.

Devido à falta de empatia, culpa ou remorso, é comum a afirmação de que psicopatas não possuem sentimento ou emoções. Este é um assunto de hipóteses científicas e comportamentais que caminham por décadas à procura de respostas. Para Hare (2013), os psicopatas parecem sofrer de um tipo de pobreza emocional que limita a amplitude e a profundidade de seus sentimentos. Observadores cuidadosos têm a impressão de que eles estão representando e que, na verdade, há pouca coisa além da aparência.

Em alguns momentos, eles dizem experimentar emoções fortes, mas são incapazes de descrever as sutilezas dos vários estados emocionais. Por exemplo, igualam o amor a impulso sexual, tristeza a frustração, raiva a irritação.

A aparente falta de afeto e profundidade emocional normais levou os psicólogos J. H. Johns e H. C. Quay (1962) a dizer que o psicopata “sabe a letra, mas não sabe a música”.

## 1.4 O Quadro Completo

Possuir algumas das características estabelecidas até aqui, não faz de um indivíduo um psicopata, mas sim o quadro completo. Este deve possuir a maior parte dos sintomas descritos, bem como uma alta nota na PCL-R (MORANA, 2003).

Além dos sintomas principais citados até aqui, existe ainda a impulsividade, controle comportamental pobre, necessidade de excitação, falta de responsabilidade, problemas de comportamento precoces e comportamento adulto antissocial (HARE, 2013).

Hare (2013) pediu opinião a um ex-detento sobre a *Psychopathy Checklist* e seus tópicos avaliativos. O ex-detento, já na meia-idade, passara grande parte do começo de sua vida adulta na prisão e fora diagnosticado como psicopata. No entanto, não se impressionou com a proposta estabelecida por Hare a respeito da PCL-R. Ao ser questionado sobre a lista, suas respostas foram:

- Eloquente e superficial – “O que há de errado em ser bem-articulado?”
  - Egocêntrico e grandioso – “Como vou conseguir alguma coisa se não pensar algo?”
  - Falta de empatia – “Empatia em relação ao inimigo é sinal de fraqueza.”
  - Enganador e manipulador – “Por que ser sincero com o inimigo? Todos nós somos manipuladores em algum grau. A manipulação positiva não é comum?”
  - Emoções “rasas” – “A raiva pode levar você a ser rotulado como psicopata.”
  - Impulsivo – “Pode ser associado com criatividade, viver o momento, ser espontâneo e livre.”
  - Controle comportamental pobre – “Surto violento e agressivo podem ser um mecanismo de defesa, uma fachada falsa, uma ferramenta de sobrevivência na selva.”
  - Necessidade de excitação – “Coragem para rejeitar a rotina, a monotonia, as coisas desinteressantes. Viver no limite, fazer coisas arriscadas, excitantes, desafiadoras, viver a vida como ela é, ser uma pessoa animada e não um chato, sem graça, quase morto.”
  - Falta de responsabilidade – “Não se deve focar nas fraquezas humanas, que são comuns.”
  - Problemas de comportamento precoces e comportamento adulto antissocial – “E, por acaso, um registro criminal indica que a pessoa é ruim ou inadequada?”
- Curiosamente, ele não tinha nada a dizer sobre ausência de remorso ou culpa.  
(HARE, 2013, p. 82)

Creio que seja complexo e talvez intrigante imaginar o mundo conforme o psicopata experimenta, visto que nosso comportamento social e cultural, aliado ao medo, ao pensamento e ao planejamento futuro, estão baseados nas regras impostas pela sociedade em que crescemos, além do sentimento de culpa, remorso e empatia, ativos em nosso sistema nervoso central.

É fato que *alguns* psicopatas tiveram uma infância caracterizada pela privação emocional, bem como abuso físico e também emocional, além de problemas financeiros. Contudo, é verdade também que outros tiveram sua infância calorosa e instrutiva, receberam atenção financeira e emocional dos familiares e construíram uma base normal para a vida adulta. Por este motivo, nem todo indivíduo com uma infância problemática torna-se psicopata ou mesmo um assassino serial. Tal argumento não é válido no campo científico e comportamental. A psicopatia é mais profunda, e sua origem e motivos ainda são atualmente estudados (SHINE, 2010).

Desde o lançamento do livro e filme *O Silêncio dos Inocentes*, os repórteres e a mídia apontaram que Hannibal Lecter, o canibal e brilhante psiquiatra, seria também um psicopata. Mas o personagem foi inspirado em Edward Gein, *serial killer* psicótico e ladrão de lápides,

que ganhou notoriedade quando as autoridades descobriram que ele exumava cadáveres de cemitérios locais e fazia troféus e lembranças com eles (HARE, 2013).

Em seu livro *Sem Consciência*, Hare (2013, p. 86) conta que, ao fim da história, o diretor do hospital psiquiátrico para criminosos insanos onde Lecter fica internado diz: “ele é um monstro. Um verdadeiro psicopata. É tão raro capturar vivo”. Para o autor, tal declaração está incorreta, pois supõe-se que todos os psicopatas são assassinos seriais. É certo que não existe ainda um modelo típico e formado para tal afirmação, afinal, como já foi dito, nem todos os *serial killers* são psicopatas.

De acordo com o autor, *serial killers* são extremamente raros nos Estados Unidos, um número em torno de cem. No entanto, é provável que existam entre nós dois ou três milhões de psicopatas no país. Ainda que todos os *serial killers* fossem psicopatas, para cada um haveria vinte ou trinta mil que não cometessem assassinatos em série. Assim, descrições de psicopatia que têm em seu foco matadores sádicos ou bizarros, como foi descrito no personagem de Lecter, proporcionam uma imagem errônea e distorcida do atual transtorno. O que motiva psicopatas a matar ou infringir a lei é o egocentrismo e não anseios sexuais bizarros (HARE, 1996).

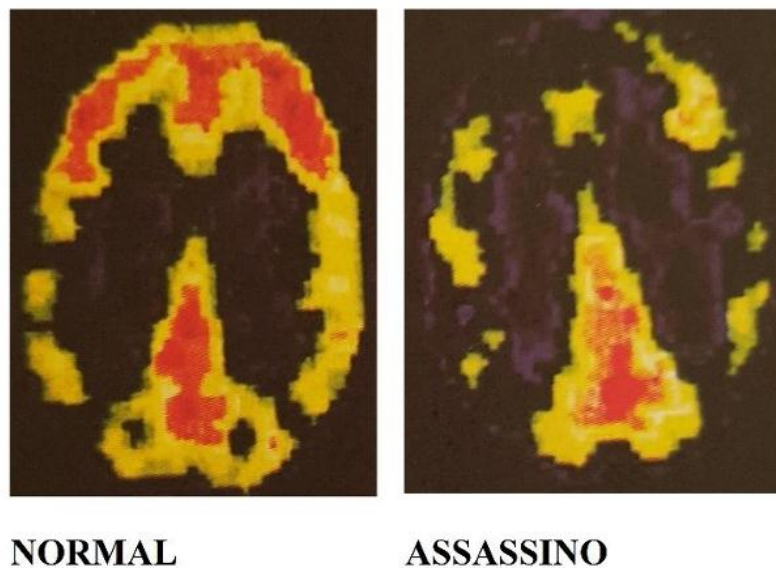
## **2 NEUROANATOMIA COMPORTAMENTAL NA PSICOPATIA**

### **2.1 A Neuroanatomia Funcional de uma Mente Psicopata**

Adrian Raine, autoridade em biologia da violência, realizou um exame de imagem cerebral em 41 assassinos, utilizando como técnica a Tomografia por Emissão de Póstron (PET). Esse exame possibilita a medição da atividade metabólica de regiões diferentes do cérebro ao mesmo tempo, incluindo o córtex pré-frontal, parte anterior do cérebro, acima dos olhos e imediatamente atrás da testa (RAINE, 2015).

O autor usou o teste *Continuous Performance Task* (Tarefa de Desempenho Contínuo) de tarefa para “ativar” ou “desafiar” o córtex pré-frontal. O teste consistia em o indivíduo pressionar o botão de resposta sempre que visualizasse a figura “o” na tela do computador. O

experimento teve uma duração de 32 minutos para cada indivíduo a fim de que a atenção fosse mantida por um período prolongado, possibilitando que o córtex pré-frontal mantenha vigilância. Após o teste, o indivíduo era levado ao aparelho de PET para medição de metabolismo e glicose, pois aquela parte do cérebro havia trabalhado durante a tarefa cognitiva. O resultado do teste é ilustrado pela figura abaixo:



**Figura 1** - Visão panorâmica de tomografia por emissão de pósitrons (PET) mostrando funcionamento reduzido da área pré-frontal (topo da imagem) em assassinos em comparação com controles. As cores vermelho e amarelo indicam áreas de alto funcionamento cerebral (RAINE, 2015).

Na figura 1, a região pré-frontal está na parte superior da figura e o córtex occipital – parte de trás do cérebro, onde a visão é formada – está na parte inferior. As cores quentes – vermelho e amarelo – indicam as áreas com metabolismo de glicose elevado, enquanto as frias – azul e verde – indicam baixo funcionamento cerebral (RAINE, 2015).

No controle sadio, localizado à esquerda na figura, observa-se uma ativação do córtex pré-frontal e occipital (parte inferior) acentuada, já o controle do cérebro assassino, localizado à direita na figura, registra forte ativação apenas no córtex occipital.

A partir da imagem do exame, portanto, podemos perceber a inexistência de uma anormalidade no sistema visual do cérebro assassino, mas também uma notável falta de ativação do córtex pré-frontal.

Segundo a pesquisa, todos os assassinos mostraram redução significativa no metabolismo da glicose pré-frontal comparados aos cérebros de controle. Por que então o funcionamento incipiente da região pré-frontal predispõe à violência? O que pode nos ajudar a formar uma ponte entre o mau funcionamento do cérebro e o mau comportamento? E o que acontece depois de um dano ao córtex pré-frontal? Esta violência observada por Adrian Raine está presente nos criminosos em geral? Psicopatas teriam o mesmo resultado?

Para responder estas questões, Raine (2012) divide o resultado de sua pesquisa em 5 níveis conceituais – emocional, comportamental, personalidade, social e cognitivo. Para o autor, no nível emocional acontece a perda de controle sobre regiões que são evolutivamente mais primitivas, tais como o sistema límbico, devido à diminuição funcional da região pré-frontal. O resultado são emoções cruas como a raiva e a ira. Em nível comportamental, as lesões no córtex pré-frontal geram atitudes de risco, como a irresponsabilidade e a quebra de regras. No nível de personalidade, acontece a perda de controle e a incapacidade em modificar ou inibir comportamentos de modo apropriado. Em nível social, o resultado dos danos na região do córtex pré-frontal são imaturidade ou déficit em julgamento social e, finalmente, em nível cognitivo, o resultado é a perda de flexibilidade intelectual e incapacidade para resolução de problemas.

A conclusão de Raine (2012), após a pesquisa, foi que existe uma verdadeira relação entre o mau funcionamento do córtex pré-frontal e o homicídio, a violência e também na psicopatia. Foi possível perceber que as diferenças no funcionamento do cérebro entre os grupos analisados não podem ser explicadas por diferenças entre os grupos quanto a idade, sexo, lateralidade, história de traumatismo crânio-encefálico, medicamentos ou uso de drogas ilegais antes do exame. Além disso, os assassinos eram capazes de realizar a tarefa, isto é, seu desempenho foi tão bom quanto o dos controles, visto que o córtex occipital comportamental havia sido mais ativado neles que nos controles. Para o autor, os assassinos provavelmente recrutam essa área visual do cérebro na ação, a fim de ajudá-los a realizar a tarefa visual e compensar seu funcionamento mais pobre do córtex pré-frontal.

## 2.2 Cérebro e Linguagem

Sabemos que, na maioria das pessoas, cada lado cerebral possui funções especializadas, distintas e complementares (HARE, 2013). O hemisfério central esquerdo tem a habilidade de processar informações de modo analítico e sequencial, desempenhando um papel essencial para a compreensão e o uso da linguagem. O hemisfério direito processa informações simultaneamente, desempenhando um importante papel na percepção de relações espaciais, na formação de imagens mentais, na experiência emocional e no processamento criativo e musical (HARE, 2013). A realização das operações necessárias à expressão e à compreensão da linguagem é mais efetiva quando realizada em um único lado do cérebro, caso contrário, as informações teriam de ser transmitidas de um hemisfério ao outro, retardando o processo e aumentando o risco do erro, por exemplo. Parte do cérebro precisa ter o controle primário de uma determinada tarefa, pois o conflito entre as duas partes reduziria a eficiência do processo. Algumas formas de dislexia e gagueira são exemplos disso (HARE, 2013).

Para Hare (1984), centros linguísticos bilaterais são características também da psicopatia. O autor observou em experimentos no período de 1984 a 1988 que parte da tendência do psicopata em fazer declarações contraditórias estaria relacionada a essa ineficiência hierárquica pelo controle no cérebro. Os dois hemisférios tentam administrar, e, conseqüentemente, o discurso não é integrado e nem corretamente “monitorado”. Obviamente há algo mais envolvido, visto que outras pessoas com linguagem bilateral como gogos, disléxicos e canhotos não mentem nem se contradizem como um psicopata. Nestes experimentos foi possível perceber que os argumentos relatados pelas vítimas são sempre repetitivos e clichês: “Ele sempre falava que me amava muito e eu acreditei, mesmo após vê-lo paquerando minha irmã”; por exemplo, ou “Eu levei muito tempo para perceber que ele não se importava comigo”; “Sempre que me dava uma surra, ele dizia: ‘sinto muito, pombinha, você sabe que eu te amo’”. As frases são sempre as mesmas em conteúdo e de pouco significado. Psicopatas parecem conhecer apenas o significado formal da linguagem, isto é, não compreendem ou não consideram seu valor emocional (HARE, 2013).

Algumas citações clínicas sobre psicopatas evidenciadas por Hare (2013, p.136) exemplificam o que foi dito:

- “Ele entende as palavras, mas não a música” (J. H. Johns and H. C. Quay, 1962).
- “A noção de reciprocidade de compartilhar e compreender está além de seu entendimento, no sentido emocional; ele só entende o significado formal das palavras” (V. Grant, 1977).
- “[Ele] tem facilidade para usar palavras, mas elas significam pouco para ele, são uma forma sem substância... O julgamento e o senso social são aparentemente bons, mas não vão além do sentido escrito no dicionário” (W. Johnson, 1946).

Essas observações clínicas analisam um mistério na psicopatia: a linguagem de duas dimensões, sem profundidade emocional.

De forma analógica, pode-se dizer que o psicopata enxergaria apenas a cor branca e cinza, porém aprendeu a se portar num mundo totalmente colorido. À frente de um semáforo, por exemplo, sabe que a cor vermelha está na primeira lâmpada, isto é, aprendeu uma forma de compensar seu problema visual e nisso ele baseia seu modo de viver. Além disso, o psicopata não possui o elemento importante da experiência emocional, mas adapta esta falha aprendendo palavras que outros indivíduos utilizam, tornando-se capaz em descrever ou imitar tanto experiências quanto expressões (HARE, 2013).

De acordo com Hare (2013), pesquisas de laboratório têm fornecido sustentação clínica para tais observações baseando-se no princípio emocional das palavras.

Neste tipo de experimento, o indivíduo permanece à frente de uma tela de computador, onde aparecem grupos de letras por fração de segundo. Eletrodos são conectados em sua cabeça para registrar respostas cerebrais e também são conectados a um aparelho de eletroencefalograma que produz um gráfico da atividade elétrica cerebral.

Algumas palavras foram exibidas na tela de forma comum (que existem nos dicionários), enquanto outras não formam uma palavra, ex: ARVORE e ARVORA. A tarefa principal é apertar um botão o mais rápido possível sempre que achar que apareceu uma palavra verdadeira na tela. O computador mede o tempo que o indivíduo leva para se decidir e também analisa as respostas cerebrais durante a execução da tarefa. A palavra CANETA, por exemplo, fornece menos informação emocional do que a palavra MORTE, que possui conotações desagradáveis. Neste sentido, as palavras emocionais geram reações emocionais e, de alguma forma, certo tipo de sentimento.



Através deste experimento, observou-se que, em relação às palavras verdadeiras, os indivíduos respondem mais depressa a uma palavra emocional do que a uma neutra. Apertaria o botão mais rapidamente ao ver a palavra MORTE do que em resposta a palavra PAPEL, por exemplo. O conteúdo emocional da palavra parece favorecer o processo de tomada de decisão.

Ao utilizar essa tarefa de laboratório para avaliar os reclusos de uma prisão, Hare percebeu que os não psicopatas apresentaram o padrão de resposta normal, isto é, decisões mais rápidas e respostas cerebrais mais amplas diante de palavras emocionais do que de neutras. Já os psicopatas respondiam às palavras emocionais como se fossem neutras.

Esta descoberta forneceu a Hare uma sólida base para sustentar o argumento de que as palavras não possuem o mesmo nível emocional ou afetivo para psicopatas e para os demais indivíduos. Psicopatas não possuem os componentes “sensíveis” da linguagem (S. WILLIAMSON *et. al.*, 1990).

Essa deficiência tem importantes implicações quando consideradas no contexto das interações sociais dos psicopatas. Neste caso, mentir e manipular sem inibições da empatia ou da própria consciência torna-se facilmente possível.

Hoje, a tecnologia de produção de imagens cerebrais oferece novas perspectivas sobre a vida emocional dos psicopatas e sugere que eles não ativam as mesmas áreas do cérebro usadas pelos indivíduos normais quando processam as palavras emocionais (HARE, 2013).

Existe, portanto, um discurso interior no funcionamento da consciência e refletidos através da linguagem e do comportamento. São pensamentos, imagens e diálogos internos com carga emocional que constroem a consciência exercendo um controle comportamental, gerando no indivíduo o estado de culpa, remorso e tornando possível a reflexão das transgressões quando cometidas. Isso é algo que psicopatas não compreendem. Para eles, a consciência seriam regras intelectualizadas e elaboradas por outras pessoas (HARE, 2013). Neste caso, os sentimentos e reflexões que costuram as regras e formam essa teia moral não existem. Mas por quê?

Em seus estudos sobre linguagem e emoção, R. Day (1993) mostra que em psicopatas nenhum dos dois hemisférios é proficiente nos processos emocionais. Se a linguagem do psicopata é bilateral, isto é, controlada por ambos os hemisférios cerebrais, é possível que outros processos cerebrais controlados por um hemisfério também sejam controlados por ambos. O motivo ainda continua guiado por hipóteses e pesquisas. Sabe-se apenas que os processos cerebrais responsáveis pelas emoções são desfocados nos psicopatas.

Ted Bundy, assassino e estuprador na década de 1970, como todos os psicopatas, possuía apenas uma vaga noção comportamental e textual a respeito das emoções e da sua própria pobreza emocional, mas se indignava quando o chamavam de “robô emocional sem

nada dentro”. Uma de suas respostas foi: “Cara, como isso está longe da verdade. Se estão pensando que eu não tenho vida emocional estão errados. Totalmente errados. Eu tenho uma vida emocional muito real, muito completa” (HARE, 2013).

Para psicopatas, o relacionamento é definido pelos bens adquiridos, sinais visíveis e concretos de poder e controle e não abstrações, que são a base para os sentimentos (HARE, 2013).

### 2.3 Gesto e Linguagem

As mãos também falam quando falamos. Os gestos das mãos ajudam a entender ou concluir um diálogo. Entretanto, a maior parte dos gestos das mãos que são relacionados à linguagem não transmitem informação ou significado ao ouvinte. Um exemplo disso é quando falamos ao telefone. O ouvinte não pode ver nossos gestos e ainda assim os fazemos enquanto falamos. Estes gestos vazios são chamados *batidas* e são movimentos curtos e rápidos das mãos realizados nas pausas ou durante a fala, não fazendo parte da linha da história (HARE, 2013).

Os centros cerebrais que controlam a fala também controlam os gestos das mãos durante a fala. Neste contexto, as *batidas* parecem facilitar a fala no processo de transformação do abstrato dos pensamentos e sentimentos em palavras. Assim, quando não conseguimos concluir algo que estamos pensando, é normal que nossas mãos se movimentem freneticamente ou busquem auxiliar a fala na conclusão de um determinado pensamento (HARE, 2013).

De acordo com Robert Hare (2013, p. 144), dados recentes sugerem que os psicopatas usam mais batidas do que as pessoas normais, especialmente quando estão falando de assuntos que consideramos emocionais, como por exemplo, quando descrevem o modo como se sentem em relação a familiares e a outras pessoas “amadas”.

Fazendo uma analogia, da mesma forma que um turista tem dificuldades em sua comunicação em outro país, os psicopatas enfrentam problemas quando tentam transformar ideias emocionais em palavras. A dificuldade do turista está na prática. Ele não fala conforme a vivência e cultura do país, e, da mesma forma, o psicopata possui dificuldades porque a

emoção seria uma segunda língua também aprendida em cursinhos e não vivenciada com tanta intensidade como a sua língua mãe (HARE, 2013).

Isso pode ser uma condição favorável no processo de mentira e manipulação. Como coloca o psicólogo Paul Ekman (1985), os bons mentirosos são capazes de quebrar ideias, conceitos e linguagens em seus componentes básicos e depois recombina-los de vários modos, quase como se estivessem brincando de palavras cruzadas em um tabuleiro. Neste sentido, o mentiroso competente segue frequentemente uma “linha da verdade”, na tentativa de rastrear o que dizer e garantir a consistência da história.

Embora os psicopatas mintam muito, não são especialistas nesta área, pois são inconsistentes e contraditórios. Planejam mentalmente, mas não possuem coerência apropriada para explicar seu objetivo, fragmentando a sua linha da verdade. Falta-lhes ainda o significado emocional das palavras; e, devido a essa falta de bagagem emocional, parecem estranhos em sua forma de analisar uma situação e falar a respeito. Isso quer dizer que eles costumam seguir tangentes irrelevantes, pronunciam frases e sentenças desconexas de modo direto. Mesmo que pareça aceitável a um ouvinte casual, eles costumam mudar de assunto e ter uma linha da história desconjuntada (HARE, 2013).

Em entrevista, um psicopata respondeu da seguinte maneira, quando lhe foi pedido que descrevesse um evento de intensa emoção:

Bem, essa é difícil. São coisas demais. Eu lembro que, uma vez, hum, passei no sinal vermelho, mas a rua estava vazia, certo? Qual era o problema? Então um guarda começou a discutir comigo sem motivo, e ele realmente me encheu o saco. Eu nem tinha passado mesmo o sinal vermelho. Acho que estava amarelo...Então, qual era o problema, hein, daquele guarda? O problema da polícia é que eles são, eh, a maioria deles está sempre querendo bancar o chefe. Eles são machos, certo? Eu não gosto dessa história de macho. Eu sou mais do amor. O que você acha? Quer dizer, se eu não estivesse na prisão, se a gente se encontrasse numa festa, hein? Se eu te convidasse para sair, hein? Aposto que você ia falar que sim.  
(WILLIAMSON, 1991).

Esta narrativa, além de desconexa, foi acompanhada por movimentos expansivos das mãos e expressões faciais exageradas em uma demonstração dramática e teatral. Seu corpo interpretava um possível sentimento emocional, o qual ele não conhecia, mas aprendera o

funcionamento. Além de sair da pergunta, o entrevistado envolve a entrevistadora em um jogo de galanteios.

Os psicopatas são conhecidos por não responderem as perguntas que lhes são feitas ou responder de um modo não compreensível ou coerente. Falam estranhamente e de forma confusa, tornando difícil a compreensão de partes da narrativa. Um dos psicopatas na pesquisa de Robert Hare (2013, p. 147) contou o seguinte caso: “eu encontrei os caras no bar. Um cara era traficante e o outro era cafetão. Eles começaram a me encher, eu dei um soco nele”. Afinal, ele deu o soco em quem? No traficante ou no cafetão?

De acordo com o autor, pequenas quebras na comunicação não são incomuns em conversas de pessoas normais e, em muitos casos, não passam de um lapso momentâneo, de um descuido ou falta de concentração. Porém, em psicopatas, as quebras são frequentes, indicando uma condição subjacente em que a organização da atividade mental, não o seu conteúdo, é problemática. A anormalidade está no modo como eles encadeiam as palavras e sentenças e não no seu conteúdo.

Todo esse teatro, e essa falha na comunicação, aliados as suas batidas podem confundir até mesmo os especialistas. A capacidade de manipulação dos psicopatas pode não ser a única causa da dificuldade dos médicos em avaliar a sanidade dos mesmos. Quando suas declarações são contraditórias, tangenciais e evasivas ou mal conectadas podem prejudicar um julgamento clínico, mesmo que embasado na PCL-R.

Uma ilustração exemplar foi o julgamento de John Wayne Gacy, empresário e *serial killer* de Chicago que se fantasiava de Pogo, o palhaço, para alegrar crianças doentes. Segundo as pesquisas de Tim Cahill (1987), Gacy foi marcado por testemunhos psiquiátricos contraditórios. Os especialistas da promotoria argumentavam que ele era imputável e psicopata, enquanto a defesa mantinha o argumento de psicótico e inimputável. Um psicólogo envolvido no caso disse que Gacy tinha personalidade psicopática antissocial marcada por contradições, pretextos e racionalizações, enquanto outro psiquiatra também envolvido no caso observou que ele apenas gostava de falar e, portanto, sua manipulação estava associada à fala.

De acordo com o relatório, Gacy diz em determinado momento que matou alguém, mas em outro afirma que não o fez. Isso não seria uma associação desconexa de um psicótico, apenas mentira. Gacy não se lembrava do que foi dito no interrogatório anterior porque inventava situações, portanto, no outro dia inventava uma nova história. O júri rejeitou o argumento de insanidade e recomendou a pena de morte.

As declarações desconexas de Gacy, bem como suas mentiras, refletem um descuido mental ou uma falta de interesse em manter a história pré-elaborada, ou mesmo uma forma de confundir os ouvintes.

A pergunta a se fazer é: se os psicopatas possuem uma fala contraditória e peculiar, por que eles despertam a confiança das pessoas? As contradições da fala são sutis e ornamentadas por galanteios. Assim, o teatro corporal aprendido passa despercebido por pessoas comuns que já se encontram envolvidas. De certa forma, envolver-se na história arranca-nos uma visão geral do contexto e do jogo no qual fomos inseridos. Mesmo que familiares e amigos suspeitem ou interpretem que existe algo estranho nesta relação, na maioria das vezes, seus conselhos são ignorados.

Como foi descrito, somos influenciados pelo modo como dizem e não pelo conteúdo em si. Usam a linguagem corporal exagerada, mesmo não possuindo um roteiro coerente. O objetivo é conquistar o poder e obter gratificação.

### **3 ANTÓNIO DAMÁSIO E A NEUROBIOLOGIA DAS EMOÇÕES**

#### **3.1 Breve Biografia**

António Rosa Damásio – Lisboa, 25 de fevereiro de 1944 – é um médico neurologista e neurocientista licenciado em Medicina na Universidade de Lisboa, onde veio também a doutorar-se. É professor de neurociências na Universidade do Sul da Califórnia e, paralelamente, trabalha no estudo do cérebro e das emoções humanas. Suas pesquisas buscam elucidar a base neural das emoções, identificando seu papel na cognição social e tomada de decisão. A influência de Damásio em sistemas neurais – memória, linguagem e consciência – movimenta pesquisas, teses e debates. Há uma escola secundária com o seu nome em Lisboa. Damásio integra, como membro, o Conselho de Estado de Portugal desde 2017 (FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, 2019).

### 3.2 O Estranho Caso de William James

Antes de tratarmos a respeito da neurobiologia das emoções, bem como a diferença entre emoções e sentimentos nas pesquisas realizadas por Damásio, é necessário fazer menção a William James.

James foi um dos fundadores da psicologia moderna, médico e importante filósofo ligado ao pragmatismo. Após 12 anos de publicações e pesquisas, o autor fez referência a emoções em um dos capítulos mais influentes do seu livro “Princípios de Psicologia”. Nele, William expõe sua teoria conhecida por *Teoria Emocional James-Lange*, associada também ao médico e psicólogo dinamarquês Carl Lange, no qual observam que as emoções são consequências de reações fisiológicas associadas a elas. Ambos os autores trabalharam separadamente, porém com o mesmo objetivo e ideias em suas publicações (DAMÁSIO, 2012).

James defendia que emoções, como a culpa, por exemplo, não existem sem suas consequências fisiológicas – lágrimas, dores no peito ou falta de ar, por exemplo.

De acordo com a sua teoria, sentimentos são sensações subjetivas das emoções e resultam do reconhecimento do cérebro cortical das demais reações fisiológicas e comportamentais, em outras palavras, são produtos de estímulos emocionais.

Nosso modo natural de pensar sobre essas emoções é que a percepção mental de um fato excita a disposição mental denominada emoção, e este estado de espírito origina então a expressão corporal. Minha tese, ao contrário, é que as mudanças no corpo sucedem-se diretamente à PERCEPÇÃO do fato excitativo, e o nosso sentimento dessas mesmas mudanças conforme elas vão ocorrendo É a emoção.

Damásio (2011, p. 148 *apud* William James, 1884, p. 188)

Sua ideia foi importante, pois James inverteu uma sequência tradicionalmente suposta dos fenômenos a respeito da emoção. No senso comum, a ideia era que a reação a um estímulo emocional como um sorriso ou alterações nos batimentos cardíacos ocorriam após termos a consciência da emoção que estamos sentindo. Mas, de acordo com James e também Lange,

primeiro reagimos fisiologicamente ao estímulo emocional e, conseqüentemente, percebemos o sentimento da emoção porque tomamos consciência de respostas emocionais. Temos, portanto, a percepção de um estímulo causando efeitos no corpo.

No entanto, para Damásio (2011, p. 149) a citação de James contém um problema fundamental. Para o autor, após James fazer referência ao “nosso sentimento dessas mesmas mudanças”, acontece uma fusão entre sentimento e emoção, mas; ambos são processos diferentes. Ainda assim, sua ideia de sentimento é bem semelhante às ideias e estudos de Damásio.

No século XX, críticas à teoria de James foram estabelecidas por fisiologistas como Charles Sherrington e Walter Cannon. Eles interpretaram as palavras de James em seu sentido literal e concluíram que suas ideias e estudos não faziam sentido com o mecanismo por ele proposto. Mas seu trabalho muito contribuiu para estudos na área de neurociências, pois William James direcionou a emoção e seu aspecto cognitivo ao estímulo de atividades que acontecem no corpo. Claro que parte de seus estudos foi revista devido a novas pesquisas e novas perguntas, mas sua contribuição foi primordial para novas pesquisas (DAMÁSIO, 2011).

### **3.3 O Caso Phineas P. Gage**

Phineas Gage era um jovem supervisor da construção civil de ferrovias em Vermont, Nova Inglaterra, no ano de 1848. De acordo com seus superiores na época, Gage era o homem “mais eficiente e capaz” no serviço. Uma de suas obrigações era preparar detonações. Para isso, Gage perfurava um buraco na rocha e o preenchia com pólvora. Em seguida, adicionava o rastilho e cobria a pólvora com areia. Esta, por sua vez, era calcada com uma barra de ferro por meio de pancadas. Por fim, o rastilho poderia ser acendido. A pólvora explodia para dentro da rocha devido à areia usada como proteção, evitando que a explosão projetasse para fora da rocha (DAMÁSIO, 2012).

Em setembro do mesmo ano, antes de seu ajudante introduzir a areia, Gage calcou a pólvora diretamente com a barra de ferro provocando uma faísca na rocha e a carga explosiva rebenta-lhe diretamente no rosto.

O ferro entrou pela face esquerda de Gage, traspassando a base do crânio e atravessando a parte anterior do cérebro, saindo pelo topo da cabeça, como demonstra a Figura 2:



**Figura 2:** Barra de ferro de 2,5 cm de diâmetro e mais de um metro de comprimento projetada contra o crânio de Gage em alta velocidade (SABBATINI, 1997).

Após o acidente, Gage perdeu a consciência imediatamente e teve convulsões. Curiosamente, momentos depois, ele recupera sua consciência e é levado ao Hospital. Mesmo com a alta perda de sangue, Gage falava e podia caminhar (DAMÁSIO, 2012).

Quinze dias após o acidente insistia em chamar o seu médico, dr. Harlow, por John Kirwin e ainda assim podia responder racionalmente suas perguntas e, após dois meses, é dado como são (DAMÁSIO, 2012).

Tempo depois, as mudanças comportamentais são visíveis pelos amigos e Gage, de forma instável, não consegue manter seu emprego ou trabalhar em outros lugares. De acordo seu médico, dr. Harlow:

O equilíbrio, por assim dizer, entre suas faculdades intelectuais e suas propensões animais fora destruído. As mudanças tornaram-se evidentes assim que amainou a fase crítica da lesão cerebral. Mostrava-se agora

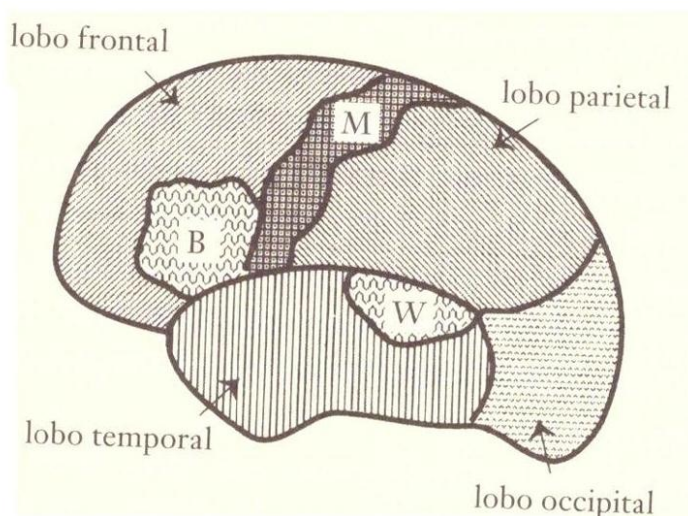


caprichoso, irreverente, usando por vezes a mais obscena das linguagens, o que não era anteriormente seu costume, manifestando pouca deferência para com os colegas, impaciente relativamente a restrições ou conselhos quando eles entravam em conflito com seus desejos, por vezes determinadamente obstinado, outras ainda caprichoso e vacilante, fazendo muitos planos para ações futuras que tão facilmente eram concebidos como abandonados... Sendo uma criança nas suas manifestações e capacidades intelectuais, possui as paixões animais de um homem maduro.

(Damásio 2012, p. 28 apud Harlow, 1868)

De acordo com Damásio (2012), houve discrepância entre o caráter degenerado de Gage e a integridade dos vários instrumentos da mente – atenção, percepção, memória, linguagem e inteligência – conhecida em neuropsicologia como dissociação, isto é, uma ou mais atuações no contexto de um perfil geral de operações estão desenquadradas do restante. O caráter de Gage estava alterado e dissociado da cognição, que permanecia em perfeitas condições.

Os neurologistas Paul Broca e Karl Wernicke chamaram a atenção na época com seus estudos sobre doentes com lesões cerebrais. A proposta de ambos era que a lesão de uma área circunscrita no cérebro constituía a causa de disfunções linguísticas recentemente descritas em doentes (DAMÁSIO, 2012).



**Figura 3:** B – área de Broca; M – área motora; W – área de Wernicke (DAMÁSIO, 2012).

Os críticos de Harlow defendiam que a lesão de Gage envolvia a área de Broca, ou a área motora, usando dessa suposição como forma de atacar a ideia da existência de uma especialização funcional cerebral.

Segundo Damásio (2012), o ferro não atingiu as regiões cerebrais necessárias para as funções motoras e para a linguagem – córtices motor e pré-motor, opérculo frontal, no lado esquerdo, designado como Broca.

De acordo com o autor, a extensão dos danos foi maior no hemisfério esquerdo do que no direito, atingindo mais as regiões anteriores. A lesão comprometeu os córtices pré-frontais, preservando os aspectos laterais.

Essa lesão tão seletiva comprometeu a capacidade de Phineas Gage em se adequar às regras sociais estabelecidas que ele aprendera desde a infância e cumpria fervorosamente, além do poder de decisão de ações mais vantajosas para a sua sobrevivência. Gage não planejava mais o seu futuro.

### **3.4 O Caso Weinstein**

Herbert Weinstein era executivo na área de publicidade aos 65 anos de idade quando foi preso pelo assassinato de sua esposa Bárbara no dia 7 de janeiro de 1991. Weinstein discutia com sua esposa no seu apartamento localizado no décimo segundo andar de um prédio em Manhattan, quando decidiu parar a discussão e retirar-se. Ao ver sua saída, Bárbara, na intenção de prosseguir com a briga, foi em direção ao marido e arranhou-lhe o rosto (RAINE, 2015). Em resposta ao ato, Weinstein agarrou a sua esposa pelo pescoço e a estrangulou até a morte. Em seguida, atirou o corpo da esposa pela janela. Weinstein foi acusado de assassinato em segundo grau (RAINE, 2015). Sendo um homem rico, contratou uma boa equipe de defesa. Seus advogados não entendiam o seu comportamento e suspeitaram de algo incomum no caso porque Weinstein não possuía registros de crimes ou violência (RAINE, 2015). Em busca de uma defesa segura e concreta, seus advogados o submeteram a um exame de ressonância magnética cerebral. Em seguida, o levaram para exames no PET, que mapeia o funcionamento no cérebro. Os resultados dos exames foram impressionantes. De acordo com Adrian Raine (2015) faltava

a Weinstein um grande pedaço do córtex pré-frontal. Sem que ninguém soubesse, incluindo o próprio Weinstein, um cisto aracnoide estava crescendo em seu lobo frontal esquerdo, deslocando o tecido cerebral dos córtices frontal e temporal.

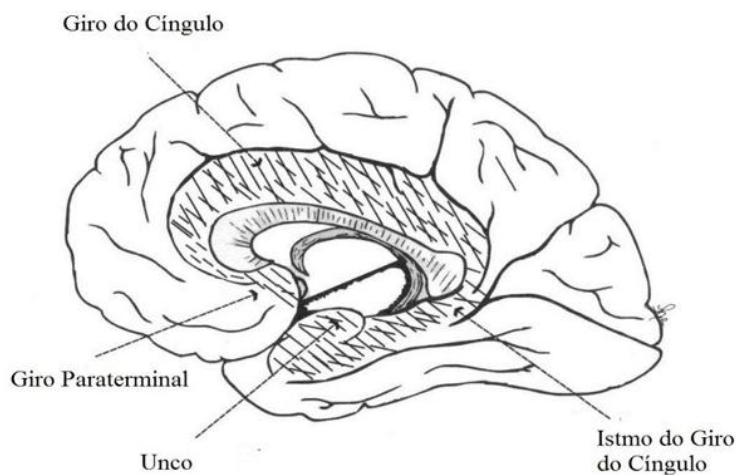
António Damásio, como neurologista, foi consultado durante uma audiência prévia para dar sua opinião sobre a capacidade de Weinstein. Precisavam saber se, como autor do crime, era capaz de pensar racionalmente e controlar suas emoções (RAINE, 2015). Dados da condutância de pele foram coletados junto com a imagem cerebral na tentativa de argumentar que Weinstein tinha uma redução na sua capacidade em regular emoções e também tomar decisões racionais. Com isto, a equipe de defesa entrou com um pedido de insanidade. Raine (2015) relata que o Juiz Richard Carruthers foi favoravelmente impressionado pelos argumentos de Damásio e pelo testemunho dos especialistas de imagem. Estes, testemunharam que o cisto resultou em uma disfunção cerebral, afetando substancialmente a capacidade de Weinstein em pensar racionalmente, reforçando a credibilidade da defesa. Em acordo prévio, ambas as partes, defesa e acusação, concordaram em julgar homicídio culposo em uma sentença de sete anos. Sem esta defesa sólida e concreta, a pena seria de 25 anos por homicídio em segundo grau.

Nenhum tribunal antes havia usado do PET dessa maneira em um julgamento criminal (RAINE, 2015). Segundo Raine (2015), pela primeira vez, dados de imagem cerebral foram utilizados em um caso capital antes do próprio julgamento para negociar a redução tanto da classificação do crime quanto da penalidade que se seguiu. Este caso destaca a importância do cérebro na predisposição à violência quando existem lesões ou alterações no córtex pré-frontal. Mais especificamente, segundo o autor, o caso sugere que o déficit estrutural do córtex pré-frontal esquerdo provoca uma anormalidade funcional do órgão, que resulta em violência diante de estímulos emocionalmente provocantes. E no caso Weinstein, uma discussão precedeu o ataque, talvez uma discussão calorosa, visto que a vítima agrediu fisicamente o réu. (RAINE, 2015).

### 3.5 Estruturas Límbicas e o Comportamento Emocional

Para a neurociência, emoções são fundamentais na adaptação homeostática de um indivíduo. As estruturas límbicas são essenciais para a realização do comportamento emocional (MELO, 2016).

O lobo límbico, sugerido por Pierre-Paul Broca, refere-se ao conjunto constituído por um anel de estruturas corticais dispostas na face medial e inferior do encéfalo, ao redor do diencéfalo e do tronco encefálico. Não há um consenso sobre quais estruturas fazem parte do lobo límbico, e, por esse motivo, descreve-se que o lobo límbico apresenta como estruturas o giro paraterminal, o giro do cíngulo, o istmo do giro do cíngulo, o giro para-hipocampal e o unco (MELO, 2016). Uma parte pequena do lobo límbico diz respeito à olfação e, o restante, ao comportamento emocional e à memória. Algumas delas representamos através da seguinte imagem:



**Figura 4:** Vista medial do encéfalo

Adaptado de MELANO, 2016

Além do lobo límbico, outras áreas também participam de processos emocionais e, por este motivo, denominam-se todas essas regiões de sistema límbico, isto é, um conjunto de estruturas formado pelo lobo límbico e por todas as estruturas a ele relacionadas.

Este sistema compreende as áreas corticais do lobo límbico; as áreas corticais da região basilar temporal e orbitofrontal; o corpo amigdalóide; as regiões ventrais do corpo estriado; os núcleos septais; hipotálamo (corpo mamilar); o tálamo (núcleos anteriores e mediais); a formação reticular do tronco encefálico; o epítalamo (núcleo das habênulas) e a ínsula. Essas estruturas neurais participam de forma direta ou indireta na geração de estados emocionais, processos motivacionais, memória, na interação neuroendócrina e também na regulação do sistema nervoso central, permitindo assim comportamentos relacionados à homeostasia e preservação, obtenção de alimento, respostas de fuga e luta e o controle destes estados (MELO, 2016).

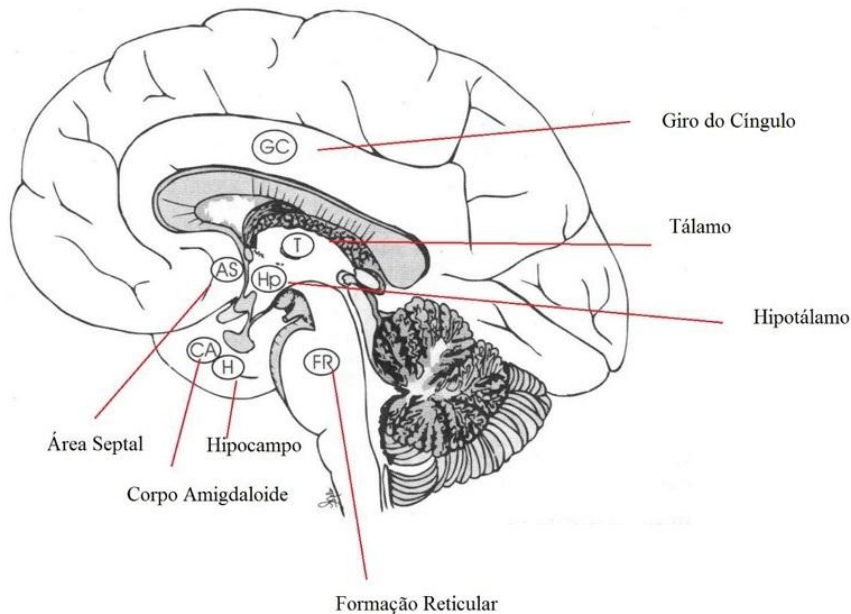
A partir de estudos das bases neurais das emoções na atualidade, algumas informações foram reformuladas, mas podemos hoje considerar que as emoções são processadas em áreas corticais e subcorticais conectadas por circuitos neuronais e integradas com os processos cognitivos e homeostáticos, promovendo respostas fisiológicas levadas pelo sistema nervoso somático e visceral.

### **3.5.1 Bases Neurobiológicas das Emoções**

Existem circuitos específicos relacionados a determinadas emoções e podem ser descritos separadamente. Isso porque as emoções não são um conjunto único, e as funções das estruturas límbicas não são consideradas isoladas (MELO,2016). O programa de ações que compõe as emoções é mais complexo, e o avanço na área de neurociências contribui para a análise e a pesquisa em estudos específicos como a psicopatia.

As bases neurobiológicas das emoções são subdivididas e denominadas por: base neural do medo; base neural da raiva; base neural do prazer e recompensa; e a memória como base neurobiológica.

Na Figura 5, podemos perceber algumas áreas responsáveis por estas bases neurobiológicas.



**Figura 5:** Vista medial do encéfalo evidenciando regiões de localização das estruturas límbicas

Adaptado de MELO, 2016.

Na base neural do medo, os estímulos que sinalizam perigo enviam sinal, por meio do tálamo, para o corpo amigdalóide (núcleos laterais) e ativam a região do hipotálamo, que dispara reações autônomas como o aumento da frequência cardíaca e a substância cinzenta periaquedutal, responsável pelas reações comportamentais típicas de defesa como fugir, lutar ou imobilizar-se (MELO, 2016).

A consciência do medo se dá quando áreas corticais são ativadas em decorrência do processamento no corpo amigdalóide.

Na base neural da raiva, informações sensoriais são enviadas, também através do tálamo, simultaneamente ao córtex e ao hipotálamo, considerado, por este motivo, o centro emocional da raiva. A raiva é uma emoção que se manifesta por meio de comportamentos agressivos e, além destas, outras estruturas também participam do processo, como o corpo amigdalóide (núcleos basolaterais e corticomediais), córtex orbitofrontal, hipocampo e área septal (MELO, 2016).

Na base neural do prazer e recompensa, circuitos neurais específicos são ativados no intuito de proporcionar sensação de prazer ou aversão. Esta base neural está relacionada ao feixe prosencefálico medial, hipotálamo (núcleo lateral e ventromedial), área septal, corpo amigdalóide, tálamo e o corpo estriado. Este feixe e suas regiões ativadas constituem o sistema mesolímbico, e sua ativação aumenta os níveis de dopamina, relacionado à sensação de prazer como fazem o chocolate e as drogas (MELO, 2016).

A base neurobiológica da memória é a formação, evocação e conservação de informações percebidas através de experiências sensoriais e armazenadas em forma de sinapses no cérebro. Áreas corticais e subcorticais estão envolvidas na memória, porém no processo de consolidação de informações o hipocampo é o principal responsável (MELO, 2016).

A memória pode ser classificada de acordo com estímulos (visual, auditivo, olfatório, tátil e somatossensorial), natureza (declarativa ou explícita, implícita ou não declarativa e operacional) e o tempo de retenção (ultrarrápida, curta duração e longa duração) (MELO, 2016).

## **3.6 A Neurobiologia das Emoções Segundo António Damásio**

### **3.6.1 Emoções**

O ser humano, seja em qualquer cultura, nível econômico e de instrução, possui emoções e está atento às emoções de outros indivíduos, sendo capaz ainda de manipular as suas próprias na busca de momentos agradáveis que o favoreça ou evitando os desagradáveis. As emoções não possuem características específicas ou limitadas ao ser humano, pois não são exclusivas do mesmo. Vários seres vivos possuem emoção, porém, a emoção humana é especial pela sua complexidade associada a ideias, culturas, valores e juízos, incluindo a razão e a consciência, fontes geradoras do que denominamos sentimento (DAMÁSIO, 2004).

Emoções não estão associadas unicamente a prazeres sexuais ou ao medo que podemos ter de animais perigosos e mortais, mas também ao horror que sentimos quando testemunhamos

o sofrimento em uma situação ou o alívio e satisfação em uma justiça sendo feita. (DAMÁSIO, 2004).

Em seus estudos, Damásio (2004) classificou a alegria, a tristeza, o medo, a raiva, a surpresa e a repugnância como *Emoções Primárias* ou *Universais*. De acordo com sua pesquisa, rotular facilita a discussão acerca dos problemas e das observações de uma forma geral. Por este motivo, o autor classifica o embaraço, o ciúme, a culpa e o orgulho pelo que ele chama de *Emoções Secundárias* ou *Sociais*, além das *Emoções de Fundo*, constituídas pelo bem-estar ou mal-estar, calma ou tensão. Este último rótulo é aplicado a impulsos e motivações, bem como a estados de dor e prazer.

Para o autor, as emoções são um conjunto de reações químicas e neurais complexas que formam um padrão. Mesmo que o aprendizado ou questões culturais participem ou alterem o modo de expressarmos nossas emoções, elas são processos biologicamente determinados e dependentes de mecanismos cerebrais, começando no nível do tronco cerebral e chegando a regiões localizadas na parte superior do cérebro que representam estados do corpo.

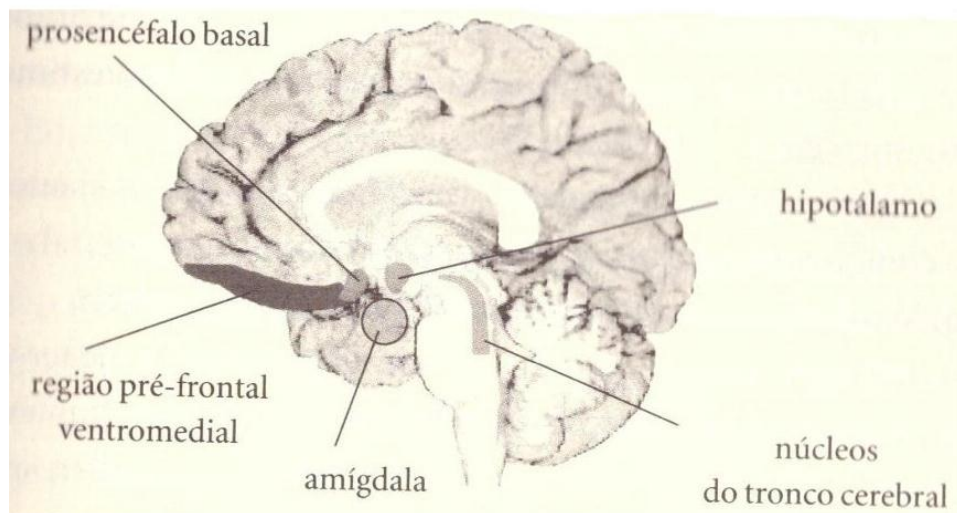
Todas as emoções usam o corpo (meio interno, sistema visceral, vestibular e músculo esquelético), e todos os mecanismos podem ser acionados automaticamente, livres de uma reflexão consciente (DAMÁSIO, 2004).

Assim, as emoções acontecem de forma biológica, produzindo uma reação específica à situação indutora ou regulando o estado interno do organismo para que aconteça a homeostasia. Nos seres vivos, por exemplo, a reação primária para um evento de perigo será a imobilização, luta ou fuga. E, como reação secundária, relacionada à homeostasia, acontece o fornecimento de intenso fluxo sanguíneo nas artérias das pernas para a situação de fuga. Neste caso, os músculos recebem oxigênio e glicose adicionais e no caso da imobilização são alterados os ritmos cardíacos e respiratórios (DAMÁSIO, 2004).

As emoções ocorrem quando imagens processadas no cérebro acionam regiões desencadeadoras como corpo amigdalóide ou regiões específicas do córtex pré-frontal. Quando estas regiões são ativadas, moléculas químicas são secretadas por glândulas endócrinas e por núcleos subcorticais e liberadas no cérebro e no corpo. A ideia do medo e a imagem cerebral formada, por exemplo, libera o cortisol, o qual permite que sejam executadas ações como fugir ou imobilizar-se ou contrair o intestino. Além disso, são desencadeadas imagens de objetos ou fenômenos que acontecem no momento em que ocorrem ou são recordados (DAMÁSIO, 2004).

Algumas dessas regiões estão ligadas à linguagem, outras ao movimento e outras à manipulação.



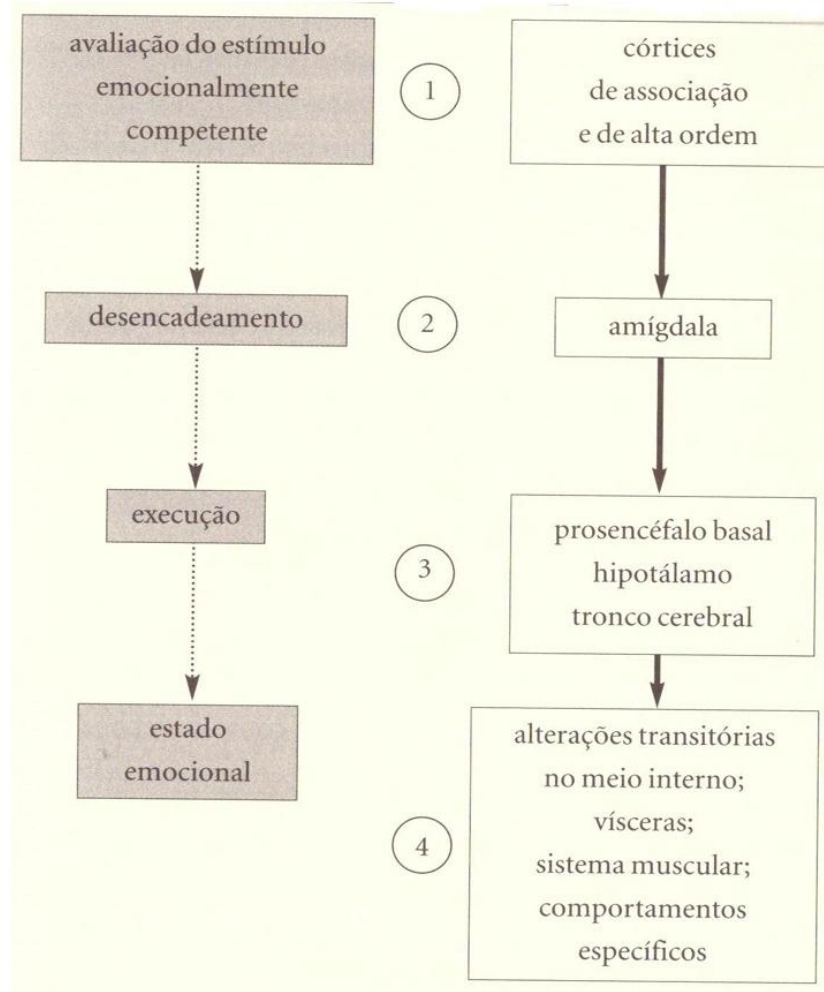


**Figura 6:** Versão minimalista das regiões capazes de desencadear e executar emoções (DAMÁSIO, 2004).

Quando essas regiões mostradas na Figura 6 são ativadas, diversas emoções podem acontecer.

Vale ressaltar que o local da emoção desencadeador provoca atividades em outras regiões cerebrais, tais como o prosencéfalo basal, o hipotálamo e certos núcleos do tronco cerebral. Assim, a emoção, como fenômeno complexo, necessita da participação coordenada de componentes diversos de um sistema cerebral.

Através do diagrama representado pela Figura 7, é possível visualizar, resumidamente, as principais fases do desencadeamento e execução das emoções, usando o medo como exemplo:



**Figura 7:** Diagrama das fases principais do desencadeamento e execução de emoções, usando o medo como exemplo (DAMÁSIO, 2000).

Para que uma emoção aconteça, quatro processos são desencadeados como mostra a Figura 7. As caixas sombreadas representam as fases dos processos de 1 a 3 até o estado do medo representado pelo quadro de número 4. As caixas brancas da coluna vertical à direita demonstram as estruturas cerebrais utilizadas em cada uma das fases de 1 a 3 como também as consequências fisiológicas representadas no processo 4.

Para Damásio (2004), a emoção é uma “perturbação do corpo”, onde conteúdos mentais provocam respostas emocionais. Estas respostas ocorrem no domínio do corpo ou dos seus mapas cerebrais, conduzindo eventualmente aos sentimentos. Curiosamente, quando este processo atinge a fase dos sentimentos, regressa ao domínio mental onde tudo começou, pois os sentimentos são tão mentais como objetos e situações que desencadeiam emoções.

Emoções são, portanto, um programa de ações iniciadas pela mente, porém movidas por ações que acontecem no corpo. Os sentimentos são, por definição, a experiência mental que temos daquilo que se passa no corpo, isto é, uma reflexão sobre as emoções que estamos sentindo (DAMÁSIO, 2004).

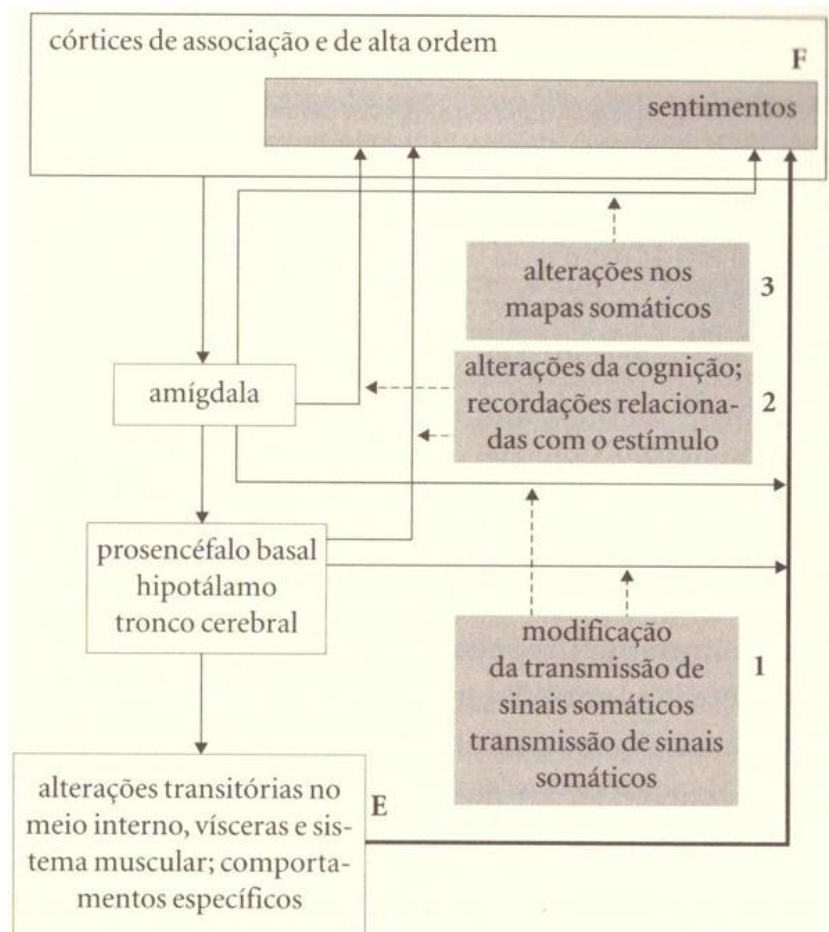
As emoções são expostas e visíveis. São perceptíveis pelos gestos ou semblantes de pessoas que estamos observando e que vivenciam no momento uma emoção. O sentimento, porém, é abstrato, visto que não podemos perceber ou assistir o que se passa na mente de outro indivíduo. Uma pessoa em profunda tristeza, por exemplo, pode, por vontade própria, se comportar como se estivesse alegre e enganar outras pessoas com esta ideia. Observadores não podem afirmar se sua alegria é verdadeira ou um fingimento, pois o que está na mente é imperceptível. A reflexão é única e individual (DAMÁSIO, 2004). Neste contexto, a diferença está naquilo que é mental, daquilo que é comportamental. É mais fácil perceber o que se passa no corpo do que o que se passa na mente.

### **3.6.2 Sentimentos**

Sabendo que o sentimento é uma espécie de pensamento baseado na reflexão de uma emoção, podemos dizer que o sentimento é diferente de qualquer outro tipo de pensamento. Ele é a percepção do modo como o corpo funciona no ato de uma emoção. Neste momento, diversas reações homeostáticas são acompanhadas pelos estados do corpo, os quais são bem distintos e, na construção de um sentimento, a percepção destes estados do corpo é também acompanhada por temas que se adequam a estes estados. Em outras palavras:

Um sentimento é uma percepção de um certo estado do corpo, acompanhado pela percepção de pensamentos com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar.  
Damásio (2004, p. 92)

O diagrama da figura 8 mostra o processo da emoção até chegar a esta percepção denominada sentimento:



**Figura 8:** Processo da emoção até chegar aos sentimentos, tendo o medo como exemplo principal (DAMÁSIO, 2000).

A partir da figura 8 podemos perceber a transmissão dos sinais do corpo para o cérebro representados pela seta que começa na caixa E, até a caixa F. Esta transmissão pode ser estimulada a partir das regiões de desencadeamento e execução como mostram as setas da caixa 1 na modificação da transmissão dos sinais. As regiões de desencadeamento e execução também estimulam e influenciam o processo como mostra a caixa 2, ao criar modificações de estilo cognitivo e realizando alterações diretas dos mapas somáticos, representado pela caixa 3, que constituem o substrato imediato dos sentimentos.

## **4 ANTÓNIO DAMÁSIO E A NEUROBIOLOGIA DAS EMOÇÕES NA PSICOPATIA**

### **4.1 Emoções Sociais, Reflexão sobre Sentimentos e Empatia**

Um grupo importante nos estudos e análises de António Damásio são as emoções sociais tais como compaixão, embaraço, vergonha, culpa, desprezo, ciúme, inveja, orgulho e admiração. O grupo recebe este nome porque são desencadeadas em situações sociais e seu funcionamento não é diferente das outras emoções, apenas precisam estar inseridas em contato além do Eu interior. São, assim como as outras emoções, programas de ação percebidas pelo indivíduo na forma de sentimentos (DAMÁSIO 2011).

A cultura e os valores morais que adquirimos definem algumas de nossas reações e comportamentos diante de uma emoção e do sentimento adquirido por essa emoção. Sem as recompensas de interesse individual, é menor a probabilidade em imitar comportamentos admiráveis. O comportamento humano é guiado por um contexto específico, e por ele são escolhidas formas de viver, religiões ou ideologias afins. De acordo com a circunstância e sua proposta de recompensa, o ser humano pode ser estimulado a fazer quase tudo. São exemplos as recompensas entre pais e filhos por notas melhores na escola. Na adolescência, esperando que o filho se esforce e estude ao invés de fugir de algumas aulas, o pai, ao invés de pedir que estude para o seu próprio bem, oferece recompensas que serão aceitas de acordo com os interesses do estudante (DAMÁSIO 2011).

Damásio (2011) afirma em seus trabalhos que a própria compaixão necessita de recompensa para que esta seja imitada, pois quando o cotidiano apresenta problemas, e, a menos que o indivíduo comporte-se de modo compassivo aos demais, a relação social adocece. Podemos, então, julgar um comportamento simplesmente pelo comportamento em si? Seríamos todos capazes de comportamentos anormais ou apenas os psicopatas?

Para que aconteçam as emoções sociais e os sentimentos originários delas, é necessário que tenhamos consciência a respeito das mesmas. Um indivíduo que está tendo uma emoção, passa a senti-la quando toma consciência. “Ter um sentimento” e “conhecer um sentimento” são coisas distintas, e talvez seja esse um dos motivos pela suposta ausência de sentimentos em

psicopatas. Eles racionalizam o sentimento e falam a respeito, podem talvez até senti-lo, mas parecem não conhecê-lo. A falta de consciência e reflexão sobre os próprios sentimentos em psicopatas parece ser a chave para uma investigação mais profunda acerca do transtorno e as razões biológicas do mesmo (DAMÁSIO, 2000).

Damásio (2000) afirma que conhecer um sentimento é saber que temos sentimentos, sendo este sentimento uma forma para o processo de planejar reações específicas e não estereotipadas. Talvez refletir e conhecer o sentimento que estamos sentindo seja uma das razões para o diálogo existente na mente antes de tomar uma decisão e seguir as regras que a sociedade estabelece para a sobrevivência da comunidade. Os sentimentos gerados pelo medo, por exemplo, não apenas alertam o corpo a respeito do perigo como fazem as emoções, mas apresentam, por reflexão, motivos para não tomar uma decisão errada conforme os padrões sociais. Neste sentido, refletir sobre o que sentimos contribui também para a homeostasia do corpo, mas este equilíbrio não seria encontrado em psicopatas (HARE, 2013).

Especialistas sugerem que existe uma base biológica para a capacidade de lidar com o estresse através da falta de ansiedade e medo. A ausência de medo e a imprudência caminham juntas quando se trata de psicopatas, pois estão sempre se envolvendo em problemas e não são motivados pela ansiedade, em outras palavras, não possuem o “alerta” a respeito do perigo (HARE, 2013)

Neste contexto, as emoções sociais não se adequam à psicopatia, visto que psicopatas, apesar do desejo pela recompensa, não são capazes de refletir sobre suas ações como sentimento ou colocar-se no lugar das vítimas. Um exemplo que ilustra essa situação seria a descrição de um psicopata que cumpria sentença por sequestro, estupro e extorsão a respeito de seus próprios sentimentos:

Se eu me preocupo com outras pessoas? Difícil essa. Mas bem, acho que sim... mas não deixo meus sentimentos saírem do controle... Quer dizer, sou carinhoso e afetuoso como qualquer um, mas, para falar a verdade, todo mundo quer ferrar a gente... cada um tem de cuidar de si, guardar seus sentimentos. Se você precisa de alguma coisa ou então se alguém fere você... ou então tenta dar uma rasteira... você tem de se virar... fazer o que tem de ser feito... se eu me sinto mal quando machuco alguém? É, sinto, às vezes. Mas, na maior parte das vezes... eh... [risos] ... sabe como é quando a gente mata uma mosca?  
Hare (2013, p. 50)

Estados emocionais do corpo podem ser simulados pelo cérebro, transformando a realidade em simulação. Este evento acontece no processo em que a emoção de “simpatia” se transforma no sentimento de “empatia” (HARE, 2013). Ao receber uma notícia capaz de causar o horror, como em um trágico acidente, ou tristeza, em notícia de morte, por alguns momentos, o indivíduo receptor da notícia é capaz de sentir representada na sua própria mente, a dor ou a tristeza em que possa ter sentido a vítima ou envolvidos no caso. Acontece uma espécie de transferência de sentimento e posição (HARE, 2013). É o “colocar-se no lugar do outro”. Existe, portanto, uma simulação interna no cérebro e uma rápida modificação do mapeamento corporal. Nesta simulação, algumas regiões do cérebro como os córtices pré-frontais e pré-motores enviam sinais diretos para regiões somatossensitivas (HARE, 2013).

Segundo António Damásio (2004, p. 126), a existência e a localização de neurônios-espelho capazes de realizar essa tarefa está hoje bem estabelecida. Esses neurônios, cuja presença foi identificada no córtex frontal tanto de macacos como de seres humanos, podem levar o nosso cérebro a simular internamente o movimento que outros organismos realizam no seu campo de visão.

Este fato explicaria talvez a falta de empatia em psicopatas, pois eles não avaliam estados sentimentais em outros indivíduos, da mesma forma que existe a incapacidade em se colocar no lugar de outra pessoa, simulando internamente o que está sendo vivido. Essa incapacidade em avaliar sentimento de outros indivíduos permite que suas ações tenham justificativas sólidas, racionais e conclusivas para eles próprios, mesmo que avaliadores ou autoridades contestem isso.

## **4.2 A Socialização na Psicopatia**

A sociedade está baseada em regras, seja na forma de leis, crenças, ideologias ou tradições. São elas que ditam o que é certo ou errado, o que se deve cumprir e como se deve cumprir. Em todas as suas formas, têm o intuito de nos proteger como indivíduos e fortalecer o meio social. O medo de punições pelo descumprimento das regras ajuda-nos a manter o equilíbrio interno e moral (HARE, 2013).

As principais razões para o cumprimento das leis seriam a valorização da necessidade da harmonia social, o cálculo racional das desvantagens em ser pego e, principalmente, a ideia filosófica ou teológica do bem e do mal. A socialização e as experiências sociais são resultado de um processo de vivência familiar, seja pela criação, escolarização, treinamento religioso ou regras culturais aprendidas durante a infância na região e país onde crescemos. É criado, a partir dessas áreas, um sistema de crenças, ações e padrões individuais determinantes para o mundo em que vivemos (HARE, 2013).

Consequentemente, inicia-se a construção de uma consciência moral individual e interna. Esta, somada às regras sociais, regula internamente o nosso comportamento. É este controle interno que faz a sociedade funcionar.

No caso dos psicopatas, experiências sociais e consciência não estão no controle interno. Apesar de ter conhecimento sobre as regras, optam pelo que é interessante a si mesmos, sem consideração alguma por qualquer outro envolvido. Suas infrações cometidas não geram culpa ou sentimento de remorso, portanto, qualquer ato antissocial ou violação de regras comuns é viável e possível (HARE, 2013).

Em sua pesquisa sobre comportamento psicopático, Robert Hare (1970) afirma que os psicopatas têm pouca aptidão para experimentar respostas emocionais (medo e ansiedade), que são a mola propulsora da consciência.

Um exemplo disso são as punições que recebemos logo no início da infância que produzem ligações entre tabus sociais e sentimentos de ansiedade que perduram por toda uma vida. A ansiedade associada a uma punição por um ato ajuda a suprir o ato; em outras palavras, é pensar em pegar um dinheiro que não é seu e, logo em seguida, eliminar o pensamento, não realizando o ato. Porém, em psicopatas estas ligações entre atos proibidos e a ansiedade são praticamente nulos. Logo, a ameaça de punição não é capaz de deter o ato (HARE, 2013).

Contudo, a consciência e a moralidade interna não dependem apenas da capacidade em imaginar consequências da ação antes de cometê-la, mas também da potencialidade em refletir e “conversar consigo mesmo” mentalmente (HARE, 2013).

O psicólogo soviético Luria (1973) apontou que o discurso interior desempenha um papel crucial na regulação do comportamento, porém, o psicopata, ao manter esse diálogo interior está simplesmente “lendo textos”.

De acordo com Gorenstein (1991), os psicopatas têm pouca capacidade de formar imagens mentais das consequências de seu comportamento. Não significa que são indivíduos que respondem cegamente a seus desejos momentâneos ou a oportunidades que surgem, mas apenas que são livres, capazes de escolher as regras que irão considerar. Em outras palavras,



não são assombrados por questionamentos morais e internos a respeito dos valores e punições como todo indivíduo.

Damásio (2011, p. 162) elaborou um estudo para investigar, com ajuda de imagens de ressonância magnética funcional, de que modo histórias podem induzir sentimentos de admiração ou compaixão em seres humanos normais. A intenção era gerar respostas de admiração ou compaixão evocadas por certos tipos de comportamentos exibidos em uma narrativa. Vale ressaltar que não era de interesse fazer os sujeitos do experimento reconhecer a admiração ou a compaixão quando a vissem em outra pessoa, mas que eles *sentissem* tais emoções. O objetivo era estabelecer no mínimo quatro condições distintas, sendo duas para a admiração e duas para a compaixão. No primeiro momento, as condições para a admiração foram a admiração por atos virtuosos (a virtude admirável de um ato de grande generosidade) ou a admiração por algum virtuosismo, como por exemplo, de atletas espetaculares ou solistas musicais talentosos. No segundo momento, as condições para a compaixão incluíram a compaixão pela dor física (o que se sente pela desafortunada vítima de um acidente na rua e a compaixão pelo sofrimento mental e social (o que se sente por alguém que perdeu sua casa num incêndio, ou um ente querido vitimado por uma doença incompreensível).

Os contrastes eram bem claros, sobretudo porque foi combinado inventivamente histórias reais a um método eficaz de exibi-las a sujeitos voluntários em um experimento baseado em imagens funcionais.

O autor constatou que sentir emoções de admiração ou compaixão ativava os córtices posteromediais (CPMS). Isso condiz com o fato de que a reação do sujeito a qualquer uma das histórias usadas como estímulo requeria que o voluntário da pesquisa se tornasse expectador e juiz de uma situação, sentisse total empatia com o sofrimento do protagonista, em casos de compaixão, e fosse um potencial imitadora da boa ação do protagonista, em caso de admiração (DAMÁSIO, 2011).

Os resultados confirmaram ainda a hipótese de que a compaixão pela dor física evoca respostas mais rápidas do córtex insular do que a compaixão pela dor mental. As respostas à dor física não apenas surgem rapidamente como também se dissipam. As respostas à dor mental se estabelecem gradativamente e se dissipam da mesma forma (DAMÁSIO, 2011).

Com este estudo, Damásio (2011) conseguiu um vislumbre inicial de como o cérebro processa a admiração e a compaixão. O autor concluiu que previsivelmente, são processos afetados em alto grau pela experiência individual.

Os atos e os objetos que admiramos definem a qualidade de uma cultura, e o mesmo vale para nossas reações àqueles que são responsáveis por esses atos e objetos. Sem

recompensas apropriadas, menor é a probabilidade de que comportamentos admiráveis venham a ser imitados (DAMÁSIO, 2011). Para o autor, a vida diária apresenta toda sorte de problemas, e a menos que os indivíduos se comportam de modo compassivo em relação aos demais, as perspectivas de uma sociedade sadia tornam-se muito reduzidas. A compaixão tem de ser recompensada para que seja imitada (DAMÁSIO, 2011).

Existe, internamente, a tentativa em mostrar a nós mesmos ou à sociedade em geral que somos merecedores de confiança ou competentes e moralmente bons. Já os psicopatas possuem o hábito de analisar uma situação, considerando seu custo e benefício, sem as ansiedades, dúvidas ou preocupações com as quais contamos, mesmo que exista a possibilidade em ser humilhado ou causar humilhação quanto ao ato ou consequência do mesmo. A capacidade em analisar ações futuras por nossa consciência é que nos faz reconsiderar gestos, falas ou ações. Esta capacidade não está presente em psicopatas (HARE, 2013).

A exemplo disso, James Wilson (1985), juntamente com Richard Herrestein, afirmam que se “rasparmos” a superfície de um preso criminoso comum encontraríamos ainda assim algum tipo de código moral, mesmo não sendo um código social, mas baseado em regras e interdições próprias. Isso acontece porque os criminosos, embora descumpram regras sociais, possuem ainda suas próprias regras morais fornecidas na infância pelo seu grupo – bairro, família, gangues. Ser criminoso, portanto, não implica em falta de consciência, e, por esse motivo, nem todo criminoso é um psicopata.

Há ainda os fatores negativos ligados à infância ou à condição social que contribuem para a criminalidade. Fatores como pobreza, violência familiar, abuso, estresse econômico, álcool e drogas. Todos eles, na infância ou na juventude, tornam possível o ingresso no mundo criminal, mas não formam um psicopata. De acordo com uma análise feita por Jack Kratz (1988) sobre a atração que o crime exerce sobre certas pessoas há indivíduos que cometem crimes por dinheiro, facilidade ou excitação, mas nem todos são psicopatas. Para aqueles que o são, o crime é uma estrutura do caráter, funcionando sem referência a regras ou regulamentos sociais. Uma mulher psicopata dos estudos realizados por Kratz, por exemplo, respondeu da seguinte maneira quando lhe foi perguntado sobre o motivo pela prática do crime: “*Você quer a verdade? Por diversão*”. Através desta fala é possível observar que psicopatas não demonstram lealdade a grupos, códigos ou princípios. Sua preocupação é egoísta e narcisista. Uma proposta policial comum em interrogatórios, por exemplo, utiliza frases como “seja esperto, diga-nos quem participa do crime e estará livre” para conseguir a verdade de um suspeito. Esta técnica funciona melhor com psicopatas do que criminosos comuns. Ao contrário dos psicopatas, criminosos comuns são fiéis ao seu grupo, suas vivências e experiências.

### 4.3 Processos Terapêuticos na Psicopatia

O processo terapêutico exige uma comunicação e aceitação mútua no relacionamento paciente-terapeuta, para que os sintomas possam ser aliviados. O paciente precisa reconhecer que existe um problema a ser tratado e precisa querer fazer algo a respeito. Em geral, os psicopatas não acham que possuem um problema psicológico ou emocional a ser tratado e também não veem motivos para mudar o próprio comportamento no intuito de atender os padrões sociais com os quais vivem e não concordam. Geralmente são pessoas satisfeitas consigo mesmas e também com suas regras interiores, mesmo que ainda pareçam frias a quem as observa (HARE, 2013).

Em sua visão, não existe nada de errado com seu comportamento ou seu modo de levar a vida. Experimentam pouca aflição pessoal e concluem que seu comportamento é racional, gratificante e satisfatório. Não possuem arrependimentos, nem mesmo ficam presos ao passado e a ações que cometeram no passado. Percebem-se como seres superiores e enxergam outras pessoas apenas como concorrentes na luta por poder e controle. Nesse sentido, é legítimo manipular e enganar no intuito de garantir seus próprios direitos. Por isso planejam suas ações antes mesmo de agir. Dessa forma, não é surpresa que a maioria das abordagens terapêuticas não tenham seu propósito alcançado no caso de psicopatas (HARE, 2013).

Além da sua autoanálise, existem outras razões pelas quais os psicopatas não são candidatos à terapia. Psicopatas não são indivíduos sensíveis ou frágeis. O que pensam são extensões de uma estrutura interna sólida e calculada e, quando concordam em participar de um programa de tratamento, suas atitudes e padrões comportamentais já estão fortalecidos e resolvidos, não cedendo a qualquer tipo de argumentação. Muitos ainda são protegidos pelos familiares ou amigos bem intencionados, os quais permitem que seu comportamento permaneça sem controle ou sem punição. Eles ainda não procuram ajuda por conta própria, são empurrados para a terapia pela família, que se encontra desesperada, ou aceitam se tratar para cumprir uma ordem judicial ou previamente a um pedido de liberdade condicional (HARE, 2013).

Em terapia, fazem pouco mais do que interpretar, mentir e fingir. Não desenvolvem intimidade emocional, e as relações interpessoais não têm valor intrínseco para o psicopata (HARE, 2013).

Eis a descrição que um psiquiatra faz dos psicopatas que frequentam sua clínica, os quais chama de sociopatas em seu relatório:

(...) os sociopatas não têm vontade de mudar, acham que compreender melhor a situação é arranjar desculpas, não têm noção do futuro, demonstram ressentimento em relação a autoridades, incluindo os terapeutas, veem o papel do paciente como lamentável, detestam ficar em posição de inferioridade, julgam que a terapia é uma brincadeira e, os terapeutas, objetos que devem ser enganados, ameaçados, seduzidos ou usados.

J. S. Maxmen (1986)

Psicopatas frequentemente dominam as sessões de terapia, as quais são uma maneira de aprendizado sobre desculpas, racionalizações e vulnerabilidade humana. Em contato com o terapeuta e suas perguntas, podem formular novas histórias com sólidos conteúdos inclusive científicos, analisar comportamentos, comparar e criar um desempenho mais convincente a respeito de si mesmos (HARE, 2013).

Além disso, se recusam a falar sobre si mesmos ou mentem a respeito quando pressionados, não gostam de ser confrontados ou questionados sobre seu comportamento e recusam-se a reconhecer que suas ações não estão corretas. Quando estão em terapia em grupo, são capazes de dominar o grupo com seus monólogos intermináveis, contornando cada discussão sobre seu próprio comportamento e adquirindo seguidores. São capazes de convencer alguns terapeutas sobre sua melhora através da manipulação e mentira, no intuito de obter um relatório mentalmente estável para cumprimento de alguma pena judicial (HARE, 2013).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após revisar a literatura, a conclusão ainda é que há muitos casos e visões a respeito do tema e ainda muito a ser pesquisado e investigado (SHINE, 2010). A explicação da origem biológica da psicopatia por meio de uma associação a base neural de sentimentos e emoções não possui uma resposta evidenciada, mas muitas perguntas e hipóteses. (HARE, 2013).

Embora a psicopatia tenha suas origens ainda não definidas (HARE, 2013), temos observado um avanço quanto ao diagnóstico através da fisiologia da emoção e de trabalhos científicos pertinentes na área da neurobiologia das emoções (RAINE, 2015). As pesquisas nos permitem formular maneiras para lidar com a psicopatia em nossas culturas e comunidades.

O sucesso da Psychopathy Checklist Revised no diagnóstico e na predição de taxa de reincidência de violência foi extremamente útil para o sistema de justiça criminal (RAINE, 2015). Um diagnóstico de psicopatia segundo a PCL-R reduz os riscos associados e as penalidades do sistema judiciário criminal. Usada de forma adequada, contribui na distinção de um transgressor que representa pouca ameaça à sociedade daquele que possui elevado risco de reincidência ou violência (HARE, 2013). A PCL-R é, portanto, uma ferramenta de descrição e predição, em que médicos têm optado prontamente em utilizar para uma série de propósitos.

Vale ressaltar que dispor desta ferramenta e utilizá-la corretamente são coisas distintas que precisam ser consideradas. A PCL-R deve ser manuseada por profissionais experientes e legalmente autorizados para fornecer o diagnóstico.

De acordo com Hare (2013) psicopatas compreendem as regras da sociedade e os significados convencionais de certo e errado. São ainda capazes de manter o controle do próprio comportamento, conscientes das consequências, mas apresentam um comportamento antissocial.

Embora a psicopatia não seja resultado de uma infância problemática ou experiências infantis ruins, está constatado que estes fatores complementam o processo de modelagem que a natureza forneceu como psicopatia (HARE, 2013). Neste sentido, um indivíduo com traços de personalidade psicopata oriundo de uma família estável emocionalmente e com acesso a recursos sociais ou educacionais possivelmente torna-se, na fase adulta, uma fraude ou um criminoso de colarinho branco, enquanto um indivíduo, com os mesmos traços de personalidade, porém com privações e conturbações em sua infância, torna-se um criminoso violento, uma espécie de mercenário (HARE, 2013). Em ambos os casos, os fatores sociais e

culturais na infância e a criação cultural modelam a expressão do transtorno, não sendo a causa do mesmo, visto que, em nenhum grau, o condicionamento social poderia gerar cientificamente a capacidade em se preocupar com os outros ou um senso mais forte a respeito do certo e do errado.

Formalmente, o psicopata seria então um doente mental ou alguém que desrespeita normas, porém consciente dos seus atos? São capazes de ter sentimentos? Seu transtorno é apenas comportamental ou existe algo biológico hereditário a ser investigado? Por que não se colocam no lugar de outras pessoas? De acordo com Hare (2013), em todo lugar do mundo, juízes, assistentes sociais, advogados, professores, profissionais da área da saúde mental, médicos, funcionários do sistema correcional e pessoas do público em geral precisam saber a resposta, ainda que não tenham consciência disso.

Considerando todos os dados que vimos descrevendo acerca da relação entre comportamento social, psicopatia, emoção e sentimento, é legítimo percebermos que uma sociedade necessita da exibição espontânea das reações sociais para a configuração de um sistema ético simples. Para Damásio (2004) na ausência dos sentimentos e emoções, o ser humano não se empenha na negociação para resolução de problemas, na defesa contra ameaças ou para conflitos em um determinado grupo.

É através das emoções e dos sentimentos que se estabelece o conhecimento sobre relações entre diversas situações sociais, reações naturais e as punições ou recompensas que se verificam quando estas são inibidas ou permitidas (DAMÁSIO, 2004). Para o autor, a ausência de um sistema básico de valores biológicos, sistema esse que a regulação biológica em geral e a emoção e o sentimento em particular fornecem ao organismo, não é possível construir um código de navegação social baseado em fatos (DAMÁSIO, 2004). Neste sentido, a ausência de emoção e sentimento acarreta um empobrecimento da experiência humana. Em outras palavras, o indivíduo não categoriza sua experiência de acordo com a marca emocional que confere a cada experiência a qualidade do “bem” ou do “mal”, dificultando a construção cultural daquilo que *deve ser* considerado bom ou mau (DAMÁSIO, 2004).

As emoções sociais aparecem tão dependentes do ambiente no qual o indivíduo cresce, tão ligadas a fatores educacionais, que podem surgir um mero verniz cognitivo aplicado levemente na superfície do cérebro.

Avanços na área da neurobiologia das emoções, do comportamento e da psicopatia permitem novas interpretações a respeito da natureza do transtorno, definindo melhor suas fronteiras quando comparado a outros transtornos clínicos importantes. Mas, ainda assim,

pouca pesquisa sistemática tem sido desenvolvida a respeito da psicopatia. Muitas repetições de temas e estudos ao longo do tempo e pouca procura pelo real significado (RAINE, 2015).

Segundo Hare (2013), em vez de tentar recolher cacos depois da tragédia, faria muito mais sentido aumentar os esforços de compreensão desse transtorno. O sistema de justiça criminal americano gasta bilhões de dólares todos os anos na tentativa de “reabilitar” ou “ressocializar” psicopatas e transgressores persistentes. Insiste-se em processos terapêuticos mesmo com poucos resultados concretos e em acomodar psicopatas nas clínicas de tratamento que pouco fazem no processo de reabilitação ou ressocialização dos mesmos. Para o autor é preciso descobrir um modo de socialização e não de ressocialização. E isso exige sérios esforços científicos sobre as bases neuroanatômicas e fisiopatológicas das emoções e dos sentimentos.

Para Raine (2015), emoções em psicopatas são, na verdade, proto-emoções, isto é, respostas primitivas a necessidades imediatas. Através de estudos nos campos comportamentais e neuropsicológico sabemos apenas que os resultados são inconsistentes (HARE, 2013). Isso porque cada indivíduo diagnosticado com comportamento antissocial no quadro da psicopatia opina a respeito de si próprio conforme seu interesse. Suas opiniões são, em maioria das vezes, uma mistura na linha da verdade pautada em mentiras (HARE, 2013). Além disso, outros transtornos são encontrados no psicopata, como o TOC, por exemplo, dificultando uma teoria mais específica e concreta a respeito (HARE, 2013).

Talvez o papel mais fundamental dos sentimentos no tocante à ética tenha sempre sido, desde o seu aparecimento, o de manter mentalmente presente a condição da vida de forma que essa condição pudesse desempenhar um papel principal na organização do comportamento (DAMÁSIO 2004, p. 177). E é precisamente devido a este papel que desempenham os sentimentos que estes devem ser enfatizados pela a sociedade quando se discute a avaliação, o desenvolvimento e a aplicação de instrumentos culturais tais como leis, a justiça e a organização sociopolítica (DAMÁSIO, 2004). Se os sentimentos podem refletir o estado da vida e comportamento interno de indivíduo, podem também refletir o estado da vida de um grupo de seres humanos, pequeno ou grande.

Os sentimentos não são supérfluos. É de extrema importância o norteamento e equilíbrio concedido pelos sentimentos. Para Damásio (2004), não se trata simplesmente de confiar nos sentimentos e lhes dar a possibilidade de ser árbitros do bem ou do mal, mas de descobrir as circunstâncias nas quais os sentimentos podem nortear o comportamento humano.

Neste sentido, emoção e o sentimento desempenham papel principal no comportamento social e, por extensão, no comportamento ético, o que faz nascer perguntas e hipóteses a respeito

do comportamento antissocial, bem como a existência de sentimento em indivíduos com este transtorno.

Apesar de mais de um século de estudos clínicos, pesquisas e especulações a respeito, o mistério da psicopatia ainda permanece, e, juntamente com ele, os sentimentos e as emoções em psicopatas.



## REFERÊNCIAS

ABBOTT, Jack. **In the Belly of the Beast: Letters from Prison**. New York: Random House, 1962.

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento, et al; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli, et al. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BECHARA, Anderson S. W, António Damásio et al. **Deciding advantageously before knowing the advantageous strategy**. *Science*, 1997, nov. 275(5304), 1293-1295.

BECHARA, Anderson S. W, António Damásio et al. **Impairment of social and moral behavior related to early damage in human pre frontal cortex**. *Nature Neuroscience*, 1999. 2(11), 1032-1037.

BLAKE, P. Y., Pincus, J. H., & Buckner, C. (1995). **Neurologic abnormalities in murders**. *Neurology*, 45(9), 1641-1647.

BURGESS, J.W. (1992). **Neurocognitive impairment in dramatic personalities: Histrionic, narcissistic, borderline, and antisocial disorders**. *Psychiatry Research*, 42(3), 283-290.

DAMÁSIO, António R. **E o Cérebro Criou o Homem**; tradução Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO, António R. **Em Busca de Espinosa – Prazer e dor na ciência dos Sentimentos**; tradução: Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**; tradução: Dora Vicente, Georgina Segurado. – 3.ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMÁSIO, António R. **O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**; tradução: Laura Teixeira Motta; revisão técnica Luiz Henrique Martins Castro. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DINN, W. M., & Harris, C. I. (2000). **Neurocognitive function in antisocial personality disorder. *Psychiatry Reserarch*, 97 (2-3), 173-190.**

DOLAN, M., & Park, I. (2002). **The neuropsychology of antissocial personality disorder. *Psychological Medicine*, 32(3), 417-427.**

EKMAN, PAUL. **Telling Lies**. New York: Norton, 1985.

ESLINGER, P.J, & Damásio, A.R. (1985). **Severe disturbance of higher cognition after bilateral frontal lobe ablation: Patient EVR. *Neurology*, 35(12), 1731-1741.**

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA ULISBOA. Disponível em <<https://ciencias.ulisboa.pt/pt/taxonomy/term/1724>>. Acesso em 11 de Janeiro de 2019.

FEYREISEN, P. **Manual activity during speaking in aphasic subjects. *International Journal of Psychology* 18, 545-56, 1983.**

FITZGERALD, K.L, & Demakis, G. J. (2007). **The neuropsychology of antisocial personality disorder. *Diease-a-month*, 53(3), 177-183**

FUENTES, Daniel et al. **Neuropsicologia: teoria e prática**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014

GACONO, C.B. (2000). **The clinical and forensic assessment of psychopathy: A practitioner's guide**. Mahwah: Lawrence Erlbaum.

GESCHWIND, N, A. Galaburda. **Cerebral Lateralization: biological mechanisms, associations and pathology**. Cambridge, MA:MIT Press, 1987.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas S. A, 1996.

GILLSTROM, B and R. D. Hare. **Language-related hand gestures in psychopaths.** *Journal of Personality Disorders*, 2, 21-27, 1988.

GORESTEIN, E.E. (1982). **Frontal lobe functions in psychopaths.** *Journal of Abnormal Psychology*, 91(5), 368-379.

GORESTEIN, Ethan. **The cognitive perspective on antisocial personality.** In P. Magaro (ed). *Annual Review of Psychopathology: Cognitive Bases of Mental Disorders*, vol. 1. Newbury Park, CA: Sage, 1991.

HARE, Julius Charles and Augustus William Hare (1827). **Guesses at Truth.** Quotation N°. 329.21 in R. Thomas Tripp (1970). *The International Thesaurus of Quotations*. New York: Harper & Row.

HARE, R. D. (2006). **Psychopathy: A clinical and forensic overview.** *Psychiatric Clinics of North America*, 29(3), 709-724.

HARE, R. D. (1980). **A research scale for the assessment of psychopathy in criminal population.** *Personality and Individual Differences*, 1(2), 111-119.

HARE, R. D. (1984). **Performance of psychopaths on cognitive tasks related to frontal lobe function.** *Journal of Abnormal Psychology*, 93(2), 133-140.

HARE, R. D. (1996). **Psychopathy and antisocial personality disorder: A case of diagnostic Confusion.** *Psychiatric Times*, 13, 39-40.

HARE, R. D. **Sem Consciência: O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós;** tradução: Denise Regina de Sales; revisão técnica: José G. V. Taborda. – Porto Alegre: Artmed, 2013.

HARE, Robert D. **Psychopathy: Theory and Research.** New York: Wiley. 1970.

HARE, Robert D., J. Jutai. **Psychopathy and cerebral asymmetry in semantic processing.** *Personality and Individual Differences* 9, 329-37, 1988.

HARE, Robert D., L. N. McPherson. **Psychopathy and Perceptual asymmetry during verbal dichotic listening**. *Journal of Abnormal Psychology* 93, 141-19, 1984.

HARRIS, Thomas. **O Silêncio dos Inocentes**. Tradução: Antônio Gonçalves Penna. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

J. H. Johns and H.C. Quay (1962). **The effect of social reward on verbal conditioning in psychopathic and neurotic military offenders**. *Journal of Consulting Psychology* 36, 217-20.

KRATZ, Jack. **Seduction of Crime**. New York: Basic Books, 1988.

LURIA, A.R. **The Working Brain**. New York: Basic Books, 1973.

MAXMEN, J. S. **Essential Psychopathology**. New York: W.W. Norton, 1986.

MCGINNISS, Joe. **Fatal Vision**. New York: Signet. 1989.

MCNEILL, D. **So you think gestures are nonverbal**. *Psychology Review* 91, 332-50, 1985.

MELO, Silvana Regina de. **Neuroanatomia: pintar para aprender**. Silvana Regina de Melo (org). – [Reimpr.] – São Paulo: Roca, 2016.

MINAYO, M. C. S (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORANA, Hilda Clotilde Penteadó. **Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) em população forense brasileira: caracterização de dois subtipos de personalidade; transtorno global e parcial**. 2003. Tese (Doutorado em Psiquiatria) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-14022004-211709/pt-br.php>>. Acesso em: 24 de julho de 2017. P. 9-14.

MORANA, Hilda Clotilde Penteadó; STONE, Michael H; ABDALLA-FILHO, Elias. **Personality disorders, psychopathy and serial killers**. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, 2012. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000600005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000600005)>. Acesso em 24 de julho de 2017.

RAINE, Adrian, M. O'Brien, N. Smiley, A. Scerbo, and C. Chan. **Reduced lateralization in verbal dichotic listening in adolescent psychopaths**. Journal of Abnormal Psychology 99, 272-77, 1990.

R. Day and S. Wong (1993). **Psychopaths process emotion in the left hemisphere**. Manuscrito submetido à publicação.

RAINE, Adrian. **A anatomia da violência: as raízes biológicas da criminalidade**; tradução: Maiza Ritomy Ite; revisão técnica: Ney Fayet Júnior, Pedro Antônio Schmidt do Prado-Lima. Porto Alegre: Artmed, 2015.

RIME, B. and L. Schiaratura. Gesture and speech. In R. Feldman and B. Rime (eds). **Fundamentals of Nonverbal Behavior**. New York: Cambridge University Press, 1988.

RIME, B. H. Bouvy, B. Leborgne, and F. Rouillon. **Psychopathy and nonverbal behavior in a interpersonal situation**. Journal of Abnormal Psychology 87, 636-43, 1978.

SABBATINI, Renato M. E. **A História da Psicocirurgia**. Revista "Cérebro & Mente". Junho de 1997. Disponível em < [http://www.cerebromente.org.br/n02/historia/phineas\\_p.htm](http://www.cerebromente.org.br/n02/historia/phineas_p.htm)>. Acesso em 11 de Janeiro de 2019.

SHINE, Sidney Kiyoshi. **Psicopatia**. 4.ed. rev. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

S. Williamson, T. J. Harpur, and R. D. Hare (August 1990). **Sensitivity to emotional polarity in psychopaths**. Artigo apresentado no encontro da American Psychological Association, Boston, MA.

TRASLER, Gordon. **Relations between psychopathy and persistent criminality**. In R. D. Hare & D. Schalling (eds). **Psychopathic Behavior: Approaches to Research**. Chichester, England: Wiley. 1978.

V. Grant (1977). **The Menacing Stranger**. New York: Dabor Science Publications, p. 50.

W. Johnson (1946). **People in Quandaries: The Semantics of Personal Adjustment**. New York: Harper & Brothers.

WILLIAMSON S., T. J. Harpur, and R. D. Hare. **Abnormal processing of affective words by psychopaths**. *Psychophysiology* 28, 260-73, 1991.

WILLIAMSON, Sherrie. **Cohesion and Coherence in the speech of Psychopaths**. Dissertação não publicada. University of British Columbia, Vancouver, Canada.

WILSON, JAMES, Richard Herresnstein. **Crime and Human Nature**. New York: Touchstone, 1985.